

NA ESCOLA

Mércores, 17 de maio de 1989

La Región

Nº 39

O galego no ensino



¿Normalizaçom ou normativizaçom? O problema das prioridades

Hai anos, cando se falava de normalizaçom do idioma galego, queria-se referir o didente ao establecemento de umha língua padrom, que fixasse, principalmente na ordem ortográfica, umhas formas preceptivas, correctas, académicas, cultas ou canónicas, face a arbitrariedade, o vulgarismo, a multiplicidade e a inconsequiencia que caracterizam a fala enquanto nom hai um modelo ordenador da mesma devidamente autorizado.

Mas agora, isso chama-se normativaçom, e o nome de normalizaçom reserva-se para o fenómeno de implantacão de umha língua como normal –quer dizer, como habitual e natural– numha sociedade. No caso do galego, a sua normalizaçom e observância de umhas normas lingüísticas que determinassem quais som as formas regulares do sistema, defronte as estimadas inacetáveis.

Hai, ou houvo, pessoas que, perante a preocupacão de outras pola necessidade de fixar a língua –principalmente na escrita, porque a fala é refractaria a toda congelacão–, arguiam como errónea, e mesmo como perversom tecnocrática, a teima normativizadora, cando era a normalizaçom o problema verdadeiramente levantado. Se a gente nom falava galego, que sentido tinha normativizá-lo? Depois de conseguir que o galego fosse realmente a língua própria da Galiza, chegaria o momento da normativaçom, e esta viria de seu.

Claro está que as línguas se falam e se escrevem antes de ser normativizadas; ou seja, a necessidade ou conveniencia da normativaçom surge cando a língua naturalmente se impom como veículo de comunicaçom oral e pugna por conquistar o estatuto de língua escrita. Mais este desenvolvimento natural do proceso nom é o que se apresenta na nossa terra. Aquí e agora, nom temos umha língua que se tope no estado natural de progresso na sua normalizaçom e a sua consequente normativaçom. Temos umha língua

que nom está normalizada, mas que é língua oficial, e, portanto, usa-se como língua administrativa, como língua escrita, e burocraticamente se sujeita a umhas normas, as decretadas pola Junta da Galiza que ostentava o poder em 1982.

Ou seja, que, em realidade, nom temos umha língua normalizada, embora tenhamos umha língua oficialmente normativizada. O que ocorre, é que, por razões diversas, hai muitas pessoas no país que rejeitam essa normativaçom, a que designamos ás vezes como normativaçom Filgueira, polo apelido do Conselheiro a quem correspondeu assinar o decreto que a estableceu.

A essas pessoas ou colectivos nos dirigimos. Se falam de umha normalizaçom à que seguirá –de seu, segundo alguns umha nova normativaçom, é que non lhes satisfai a oficialmente vigente. Entom, cabe perguntar-lhes: se consideram impertinente a conduta dos que ponhem agora o problema da normativaçom, e creem que todos os esforços devem concentrar-se na normalizaçom, que modelo lingüístico proponhem para ser normalizado? É que se pode tratar de implantar umha língua sem que esta se sujeite a certas normas? Normalizar o galego, más, que galego? Ao substituir na resposta o pronomne da pergunta por um nome, vemo-nos obrigados a pôr o problema da normativaçom.

A questom é singela para aqueles que aceitam para sempre a normativa oficial. Trata-se de normalizar umha língua já normativizada. **Roma locuta est, causa finita est.** Trata-se agora de implantar umha língua configurada segundo a inspiraçom de **Roma**.

Somente a liberdade de dissentir, experimentar e inovar, possibilita a melhora de calquer ordenaçom jurídica.

Mas aqueles que nom professan a obediencia ao dogma romano, e querem –mas nom agora– volver a levantar o problema da normativa, ao adiá-lo concedem à normativa decretal, que dim nom aceitar, umha vantagem formidável. É assumivel aquela postura, é razoável pospor a normativaçom à normalizaçom, sempre que esse princípio rija para todas as partes implicadas. Os que estiman intempestiva a defesa da normativaçom, tenhem que propugnar a liberdade de norma durante o tempo em que a normalizaçom se desenvolva. Imos estabelecer um armistício, e procurar a normalizaçom utilizando pro-

visorioramente cada quem a normativa que melhor lle pareça. Mas se o armistício supom que a Administraçom mantém a sua normativa decretal com carácter obligatório fora do campo burocrático, e discrimina os escritores segundo que se atenham ou non a aquela ordenaçom, e exige o emprego da mesma no ensino, é evidente que jogará o seu jogo de poder com umha enorme vantagem, e cando consigamos a normalizaçom –se alguma vez a conseguimos–, a norma oficial, que a muitos parece umha simples adaptaçom da ortografia castelhana– deixando aparte os aspectos gramaticais–, terá formado a muitos galegos e informado muitas mentes, de jeito que o tempo da trégua observada polos discrepantes terá servido para que arraigue a normativa da Administraçom até o estremo de que seja mais difícil de arrancar que a raíz do tojo verde.

Aclarado isto, convém indicar que dentro de um sistema democrático e liberal –e lemos que socialismo é liberdade–, nom cabe a definitiva impostaçom de nengumha norma. É evidente que a ortografia filicariana –reduzamos a esse aspecto o problema–, pola sua desalentada e resignada submissom à norma académica espanhola, parece indiferente ao passado e ao futuro da nossa língua, cando menos aos olhos de umha parte importante dos usuários do galego. Nom hai lei eviterna, e somente a liberdade de dissentir, de experimentar e de novar, pode possibilizar a melhora de qualquer ordenaçom jurídica. Tratar de esmagar ao discrepante ou marginá-lo negando-lhe o direito a exercitar umha justificada oposiçom, semelha prática própria de um poder inspirado na doutrina do despotismo obscurantista.

Parece lógico que as oficinas públicas empreguem –sem exigir-las do público– umhas normas de escrita que a Administraçom estabeleça enquanto nom receba novas luzes. Mas nom pode intentar aplicá-las coercivamente com éxito aos funcionários que se dedicam ao ensino, nem menos ao resto do pessoal profissional da educaçom. Entom, necessitam-se prudéncia política e respeito à consciênciia e à competênciia dos ensinantes, para lograr um equilíbrio entre a liberdade de cátedra e a exigênciia de umha ordem na função didáctica nos graus primário e medio. Umha soluçom milagrosamente eficaz e immediata a esse problema nom pode sonhar-se num país em que o conflito lingüístico, por razons históricas, é umha realidade inescusável. Avondará com ir

Pasa a paxina seguinte >



▷ Ven da paxina anterior

tratando de resolver os problemas pouco e pouco, com delicadeza e paciencia, no curso do tempo.

Na percura dum acordo necesario

Enviar aos centros de ensino inspectores que incoem expedientes a aqueles professores que honradamente, baseando-se na sua competencia lingüística e pedagógica, tratem de melhorar o presente, parece-me umha política anacrónica e contraproducente. Sería mais lógico procurar o assessoramento dos que diariamente defrontam aquel difícil cometido. Nas Escolas Universitárias, nos Institutos de Bacharelato, nos de Formación Profesional e Politécnicos, nos Centros de Ensino Integrado, nas Escolas Oficiais de Idiomas existe um elevado número de professores de galego que –ventajosamente situados polos seus estudos lingüísticos e polo conhecimento práctico dos problemas que o ensino supom, para articular um plano de tratamiento das questons suscitadas– poden e devem debater libremente, e acordar no seu caso com carácter de recomendaçons, umha serie de prácticas didácticas inspiradas na sua experiencia, as quais, recollendo decerto as informaçons necessarias do ensino superior e do ensino primario, poden promover umha concertaçom na actividade docente, non artificial ou autoritariamente levada alén dos limites do possível. O poder executivo deveria promover esse assessoramento, na segurança de que a medida de acordo podia ser mui ampla, porque as divergencias existentes som agora principalmente ortográficas, e tendem a reduzir-se, desde o momento em que pessoas que se atribuem um papel na codificaçom de inspiraçom castelhana, falam em adoptar as grafias **lh** e **nh** em troca das correspondentes **ll** e **ñ**, que na nossa língua resultam francamente antietimológicas.

Na realidade, as cousas están-se movendo em muitos aspectos neste sentido. Em 1986 houvo urna proposta subscrita por mais de doucentos professores de galego, publicada com o título de **"Manifesto por un acordo necesario"**, que nom merece o desprezo da Administración ou dos seus oráculos. A **Associaçom de Professores de Galego** tem elaborado textos e editado livros que, resultado de ajeitados seminarios, poden facilitar e facilitam convergencias non constitutivas no que afecta à focagem dos problemas postos pola urgencia de organizar razoavelmente o ensino da língua e a de respeitar o direito à liberdade de opiniom consagrado pola lei, procurando umha coordenaçom que deixe a salvo os critérios científicos concorrentes.

Nom se poden resolver os problemas do ensino do galego con critérios académicos e burocráticos, quer dizer, sem outorgar especial atençom à historia da língua e à historia do ensino. A aniquilaçom da dissidéncia, mediante umha arbitraria adjudicacion de prémios e castigos, é umha utopia que nom está dando resultado. Nem Roma falou nem a causa findou.



As liñas ou eixes fundamentais

Velaqui, enunciados dun xeito sintético, os eixes fundamentais sobre os cales se articula o noso modelo:

1.–En primeiro lugar, o modelo debe de contemplar **todo o sistema educativo galego**, tendo unha dimensión xeralizadora. **Isto implica que debe ser asumido como tal pola Consellería de Educación e, más alá, polo Goberno de Galicia e o Parlamento Galego.** Este é o único xeito de que estea garantizada a necesaria coherencia do modelo e a continuidade do mesmo, así como o desenvolvemento lexislativo complementario e os precisos recursos humanos e materiais necesarios para a súa posta en práctica.

2.–O modelo, tanto nas súas bases teóricas como nas súas estratexias de aplicación, debe ter unha **dimensión científica contrastada**.

3.–O modelo debe contemplar, ademáis do contexto social en que se vai desenvolver, **as distintas realidades lingüísticas existentes entre os nosos nenos e nenas**.

Neste sentido, inda que creemos que se poderá facer unha tipoloxía más complexa, entendemos que esas realidades poden clasificarse en catro grandes apartados:

A) **Monolingües en galego:** nel estarían aqueles que falan habitualmente en galego, inda que entenden ben o castelán, podendo expresarse oralmente nel (con maior ou menor corrección, en función de diferentes factores).

B) **Monolingües en castelán:** serían aqueles que falan habitualmente en castelán, sendo prácticamente incapaces de se expresar cun mínimo de competencia en galego.

C) **Castelán falantes aparentes (con país galego falantes):** entendemos que pertenecen a este grupo aqueles nenos e nenas que falan en galego "traducido", ou sexa, nese peculiar "castelán" con estructuras sintácticas galegas.

Obviamente, estes nenos e nenas son o froito da actitude lingüística duns pais que, tendo o galego como lingua propia, lles falan en "castelán" ós seus fillos.

D) **Castelán falantes aparentes (con país que tamén son castelán falantes aparentes):** este grupo, como se observa, é moi semellante ó anterior. A diferencia está en que o abandono do galego como lingua habitual xa se deu na xeración dos pais. (22).

4.–O modelo, no seu deseño, **debe fixar un punto terminal normalizador**. É dicir, un modelo temporal no que se entende que tódolos alumnos acadaron a competencia lingüística necesaria para facer posible que o galego pase a se-la lingua de instalación.

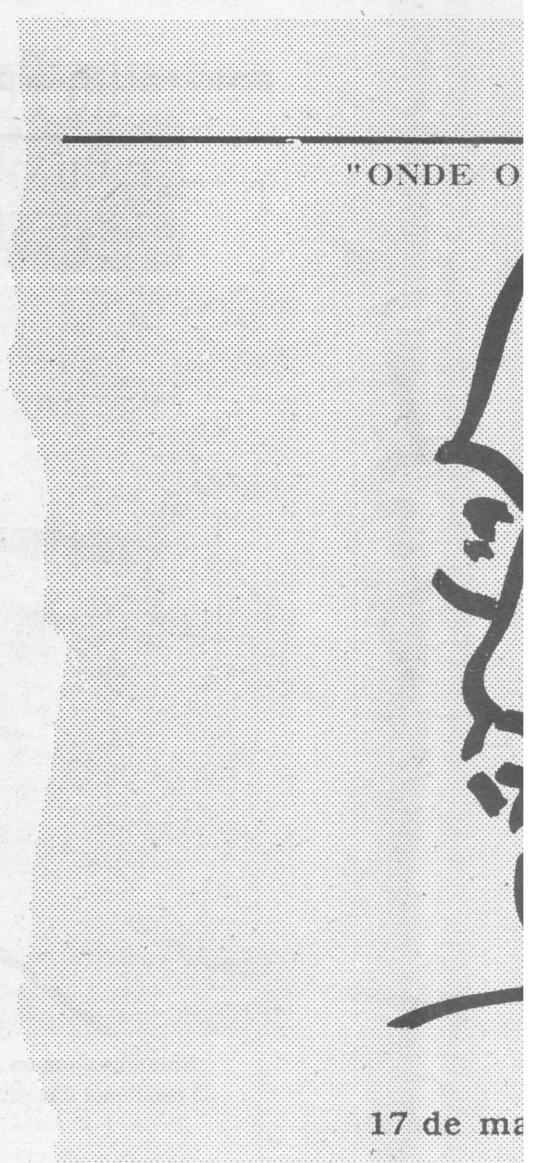
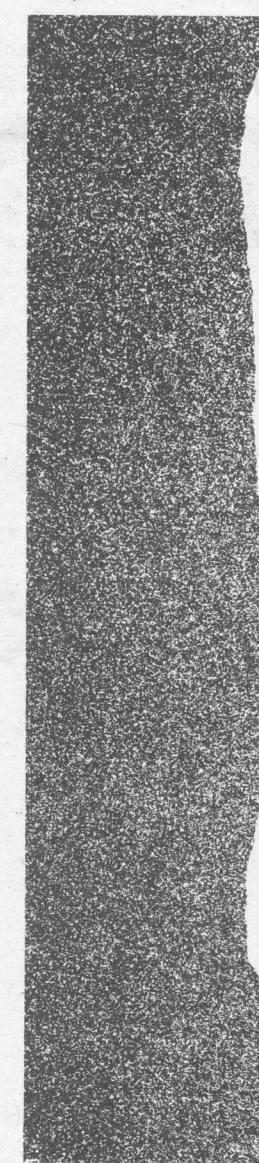
Ese momento cremos que deberá ser **os 12 anos**, coincidindo co inicio do que, na proxectada Reforma Educativa, será a Secundaria Obrigatoria.

5.–do punto anterior dedúcese que, nas etapas previas á Secundaria Obrigatoria (Educación Infantil, Educación Primaria) debe darse unha liña de normalización progresiva.

6.–O modelo debe contemplar asimesmo as situaciones de transición que se darán ata o momento de aplicación plena do mesmo.

7.–A **comunidade educativa** de cada Centro (alumnado, profesorado, pais e nais, representantes sociais) **xoga un importante papel neste proceso normalizador**. Creemos que debe participar activamente na definición, elaboración e posta en práctica das estratexias que levan, a partir da súa situación específica, ó punto terminal normalizador.

Un modelo de norma



"ONDE O

17 de ma

Proceso a seguir para a posta práctica

1. O papel da administración educativa

A Administración, con vistas á aplicación do modelo, debe crear unha **estructura descentralizada**, na que se integrarían os distintos elementos do que chamaremos **Equipo de Normalización no Ensino**. Este Equipo de Normalización (de carácter pluridisciplinar, formado maioritariamente por persoas que se seleccionarían entre o profesorado) tería unha implantación zonal en toda Galicia, de maneira que o seu labor se desenvolvese en estreita interrelación coa aplicación práctica do modelo.

Este **Equipo de Normalización**, a través dos seus distintos grupos, sería o encargado de orientar, explicar, controlar e avaliar todo o proceso de normalización, en estreita colaboración cos **Seminarios de Normalización de zona**, creados a tal efecto, que á súa vez estarían en contacto cos **Seminarios de Normalización existentes en cada un dos Centros**.

A Administración debe considerar ademáis, no contexto do modelo, unha serie de factores imprescindibles para a aplicación con éxito do mesmo. Salientamos, entre outros, estes:

- Un rigoroso **plan de formación do profesorado**, que se debe realizar sempre cos meirandes recursos humanos e técnicos e coa máxima proximidade á realidade e ó contexto docente dos implicados. (24).

- Un plan para a **creación e difusión dos necesarios recursos e materiais didácticos** que se prevean necesarios e que a realidade vaia demandando.

- A **necessaria difusión e intercambio de toda a información que a aplicación do modelo vaia xe-**

rando

diffusión de tódalas inf

se están a facer en ám

noso.

Tamén deberá a A

ción do modelo, imp

cións Locais existen

educativo nesta direc

los galegos están ch

te papel na efectiva

2. A aplicación do

primeiros anos da

Para a aplicación d

de evidencia de que

situación sociolínguis

Normalización, en co

Zona e o propio Se

Centro, será o encar

dade sociolíngüistica

coa comunidade edu

Así, cada ano se el

tico do alumnado de

A vista dos datos o

de Normalización, ei

determinará cal é a

concreto, definindo o

parciais, ritmos e car

realizar en cada curs

pondente **Plan de No**

te do Plan Anual de C

Será posible, en d

elaboración dunha

Centros dunha mesma

cas sociolíngüisticas n

A PALABRA

A REALIDADE EXISTE
PORQUE EXISTE A PALABRA.
SI NON SABES DECIR LONGA E A NBIÑA
TAMPOUCO SABERÁS QUE EXISTE A ALBA.

Día
das Letras
Galegas

Celso Emilio

La Región

PARA SER LIBRE O HOME
TEN QUE SABER DECIR CREO NA ESPRDNZA.

PALABRAS → CELSO EMILIO
FERREIRO

IMAXEN → CESAR

De Celanova á inmortalidade

Celso Emilio Ferreiro Míguez nace en Celanova o 6 de xaneiro de 1912, fillo menor de sete irmáns, dunha familia campesiña acomodada. En Celanova naceran tamén Curros, voz civil á que o noso poeta permanece moi atento. Foi un neno feliz, segundo confesou, e desde a lonxanía de andaduras amargas evocará saudoso o agarimo da patria e do fogar pri-meiros. En Celanova, e na aldea veciña de Acebedo, recibe o seu bautismo de lingua e de cultura: "Para min (o galego) foi sempre un idioma de cultura, porque me servía para expresar perfectamente todos os aspectos do entorno social no que nacín e no que me criei. Veño de xente campesiña que endexamais desertou da súa fala natal...". E na súa propia casa, a través da figura de seu pai, amigo de Porteiro, soubio da militancia galeguista. Cursa estudos de Bacharelato nun colexio da vila. Segundo indicacións da súa nai, le poemas de Curros.

Entre 1934 e 36 desenvolviu un intenso labor periodístico, poético e político, incorporado de pleno ó galeguismo. Funda, con Pepe Vello, a Federación de Mocedades Galeguistas, da que será secretario de organización, e dirixe "Guieiro", portavoz da mesma. En 1935 foi procesado por un artigo no que se comentaba un discurso de Gil Robles. Mobilizado en 1966, fixo a guerra no bando franquista, e no transcurso da mesma escribe boa parte dos poemas de "Longa noite de pedra", libro que conserva "case vinte anos nunha carpeta, ata 1962".

En Asturias, de soldado, coñece (1938) a María Luisa Moraima Loredo Fernández, con quem casará cinco anos máis tarde, e a quem cantará no seu poemario "Al aire de tu vuelo" (1941).

Realiza estudos de Dereito, que non conclúe, así como tamén de Maxisterio, que tampouco exerceu. Entre 1941 e 1950 reside en Pontevedra como funcionario da fiscalía de tasas.

Nese ano, Celso Emilio traslá-



Celso Emilio (segundo pola dereita, en pé), xunto cun grupo de amigos.

dase a Vigo como procurador. Ali rexentará con outro socio una oficina de Seguros Sociais e dirixirá un taller de fotogravado, traballos ambos que acaban en fracaso.

O ano 1962 marca un fito na andadura poética do autor e un revulsivo na prácida paisaxe da poesía galega de postguerra. Aparece "Longa noite de pedra", a súa obra fundamental, que accede en pouco tempo a ámbitos inéditos para un libro en verso.

Desde ese ano milita informalmente nas filas do Partido Comunista, pouco permeable áinda ó acento galeguista querido polo autor, feito que ha provocar o afastamento progresivo do poeta.

Cofundador, o 25 de xullo de 1964, da Unión do Pobo Galego, romperá anos despois coa organi-

zación "polas conductas sectarias dalgúns dos seus membros e por plantexamentos políticos maximalistas deste partido". Neses anos a súa vea satírica agudizouse en composicións antifranquistas (composicións anónimas). O parecer chegou mesmo a asustalo o panfleto-resposta "La Marsellesa de los borrachos" que se dirixiu contra os pródigos autores de libelos.

En 1966 Celso Emilio Ferreiro emigra a Venezuela. Faino por "aburrimento, por noxo vital". Antes da súa marcha, en Ourense, tribútaselle unha homenaxe na que, dentro das exigüas posibilidades da época, manifestou o poeta, a solidariedade dos intelectuais co campesiñado de Castrelo do Miño —que tiñan a ameaza do encoro—, e, de modo indirecto, "rabuñar a

índole política do Régime". Celso Emilio foi chamado a Venezuela pola Hermandad Gallega como orientador das súas actividades culturais. Pronto comenzaron a súas diverxencias cos seus directivos, diverxencias sobre todo de raíz política, que o poeta reflexa acedadamente no seu libro "Viaxe ao país dos ananos" (1968).

O 10 de maio de 1973 a familia Ferreiro retorna a España; instalados en Madrid, Celso traballa como redactor de Tribuna Médica; desde 1974 dirixe a Cátedra de Cultura galega do Ateneo madrileño. Celso intégrase no PSG, organización pola que se presentou a senador por Ourense en 1977. Logo pasou a militar no PSOE.

O 31 de agosto de 1979 morre en Vigo.

Bibliografía seleccionada

Intentar resumir a obra de Celso Emilio ou aqueles traballos relacionados co mesmo en duas palabras é totalmente imposible. Por esto, dentro da bibliografía seleccionada atopamos "Longa Noite de Pedra" (C.E.F.-Colección El Bardo-Madrid, 1968); "Celso Emilio Ferreiro" (Xesús Alonso Montero-Júcar, 1982); "A poesía de Celso Emilio Ferreiro" (María dos Ánxoles Borreguero-Galaxia, 1981); "Unha ducia de gallegos" (Víctor Fernández Freixanes-Galaxia, 1976); "Celso Emilio, na Gran Encyclopédia Gallega-Tomo 12, 1980" (Losada Castro Basilio); "Celso Emilio Ferreiro, compañeiro do vento e das estrelas" (María Xosé Porteiro e J.A. Perozo-Akal, 1981); "De Pondal a Novoneyra" (Xosé Luis Méndez Ferrín-Edicións Xerais, 1983).

Obras completas

Amais destas, según recolle Xesús Alonso Montero no seu libro (Editorial Júcar, 1981), atopamos as seguintes: "Cartafol de poesía" (Celanova, 1936), "Al aire de tu vuelo" (Pontevedra, 1941), "Bailadas, cantigas y donaires" (Pontevedra, 1947), "Musa alemá" (Pontevedra, 1951), "Curros Enríquez" (A Coruña, 1954), "O sono sulagado" (Vigo, 1955), "Voz y voto" (Montevideo, 1955), "Longa noite de pedra" (Vigo, 1962), "Viaxe ao país dos ananos" (Barcelona, 1968), "Cantigas de escarrío e maldecir" (Caracas, 1968), "Terra de Ningures" (Monforte de Lemos, 1969), "Paco Pixiñas", "Antipoemas" (Salamanca, 1972), "A fronteira infinida" (Vigo, 1972), "Cementerio privado", "Os autentes", "Curros Enríquez" (Madrid, 1973), "Fórone á puñeta" (Venezuela, 1973), "Onde o mundo chámase Celanova" (Madrid, 1975), "Al César enano", "Curros Enríquez: Obra poética completa" (Madrid, 1977), "A Taberna do Galo" (Castrelos, 1978), "Libro dos homenaxes" (Madrid, 1981), "Memoria de nunca" (incompletas, 1981).

SUMARIO

Biobibliografía	pax.28	"Recordo político de C.E.F.". (Celso Montero)	pax.42
Reivindicación (innecesaria) de "Longa noite". (Marcos Valcárcel)	pax.29	"O acerto da memoria". (Balbino Alvarez)	pax.43
"Un home como hai moitos". (Antonio Piñeiro e Cesáreo Vázquez)	pax.30	"Na vila de C.E., un local...". (Afonso Vázquez-Monxardín)	pax.44
"Galicia debe ser unha terra para vivir nela". (Xosé Lois Carrión)	pax.32	Versos para cantar, poesías	pax.46
"C.E.R., después de la larga noche de piedra". (C.A. Molina e L. Suñen)	pax.34		
"Lembranzas de Celso Emilio". (Xosé Manuel del Caño)	pax.39	Portada: César Moreiras.	
"Navegantes pontevedreses: Os grandes desconhecidos". ("Emilio Celanova")	pax.40	Arranxos, maquetacións: Pepe Arce, Pepe F. Quintas, Alberto Ivanich.	

Coordinación: Xosé Lois Carrión.

O noso agradecemento ao "Patronato Curros Enríquez" e Montero, de Celanova, pola cesión de todas as fotos empregadas neste especial.

Tamén, o noso agradecemento á pintora Maite Vázquez pola realización dun debuxo orixinal para este especial.

17 de Maio

Celso Emilio

A fronteira infinida.
Narrativa.

Antoloxía.
Edición de Antonio García Teixeiro.

EDICIONES XERAIS DE GALICIA

Reivindicación (innecesaria) de “Longa noite”

■ MARCOS VÁLCARCEL

Celso Emilio Ferreiro foi poeta de moi variados rexistros. Reducir, con calquera intención que se faga, a súa condición de poeta á única faceta do poeta civil, do poeta rebelde ou comprometido, é unha inxusticia cara o resto da súa obra poética, onde conviven tamén o poeta lírico e intimista, o poeta amoroso, a inquedanza existencialista ou a forza satírica. A poesía auténtica non coñece de temática e xorde sempre da asunción interior polo poeta da materia poética que se ofrece ó lector, ó marxe dos adxetivos que sea poesía reciba despox.

Non dista moito do que se entende por temática comprometida. Celso Emilio, pois, inscríbese nunha longa tradición, con referencias próximas nalgúns poetas do exilio con Lorenzo Varela ou Luis Seoane e, noutras coordenadas, cunha relación clara con algúns poetas casteláns como Blas de Otero, Gabriel Celaya e, sobre todo, cun libro como “La pell de brau” (1960), de Salvador Espriu, fito das letras catalás da posguerra.

O poeta ante o seu tempo

Prácticamente a mitade dos setenta poemas que componen o libro “Longa noite de pedra” pertencen ó mundo subxectivo do poeta, amostrando a posición do escritor ante o mundo que o arrodea e o tempo que lle tocou vivir. O sentimento de Galicia, a volta á infancia e ás paisaxes da nenez, a emoción da terra e da paisaxe..., son algúns dos principais temas presentes en boa parte do libro; sentimientos diversos que se unifican nas arelas de libertade e na denuncia da opresión política e económica.

Libertade é, sen dúbida, o concepto omnipresente en todo o poemario, cunha gran diversidade semántica e unha rica imaxinería alusiva; poemas como “Librement”, “Aire puro”, “espranza”, entre outros, fan da idea da libertade o centro do poema.

Libertade que non se quiere reducir á simple concepción da liberdade política formal, senón que se inscribe de cheo nunha concepción da libertade más fonda, que presupón a ruptura das ataduras económicas e sociais que fan do ser humano un ser alienado e manipulado.

“Unha vez houbo un home/ que nunca dixo, meu. / Petó nas portas do mundo, / chamou no meu corazón...”. O poeta identifícase cos que nada teñen, con que nada posúen, cos calados que se gobernan a si mesmo. “Eu son o rei de min mesmo; / governo o corazón / na libertá do vento e dos camiños”.

Sociedade opresiva

Son ainda más numerosos os poemas que describen a realidade

Dito isto, compre renegar doutro tópico tamén moi extenso no últimos tempos: o de desautorización da poesía comprometida ou civil, simplemente pola súa condición de tal; desautorización provocada, como é obvio, pola inflación de “mala” poesía comprometida que tanto abundou neste país entre os finais dos anos sesenta e os comenzaos dos setenta. O Celso Emilio deixou escrita a súa convicción da necesidade de que os poetas novos se mergillases con tódolos esforzos no mundo social e nos problemas vivos das xentes da

nosa terra. Era unha reacción necesaria ante a “arqueoloxía estéril” e o “ruralismo pedáneo” de parte de poesía galega de posguerra, totalmente marxinada da realidade social da época en que aquela facía a súa aparición. O compromiso do poeta non era, por outra parte, invención de última hora. Parte da más auténtica poesía galega desde o Rexurdimento –con Rosalía, Curros e Ponal– non é outra que poesía civil ou patriótica e a súa temática habitual –defensa do idioma e da cultura, protesta contra o asoballamento...

dunha sociedade opresiva, dominada polo medo e o terror e as estruturas económicas de explotación capitalista.

É neste sentido que se califica o libro situándoo nunha posición antiburguesa e marxista, nun plano más universal de definición socialista (X.L. Méndez Ferrín).

Hai algúns poemas moi significativos a este respecto, empezando polo “Monólogo do vello traballador”, “o primeiro poema social obreiro da literatura galega”, en palabras do propio Ferrín, onde se reflexa poéticamente a teoría marxista da apropiación da plusvalía.

A forza poderosa do mundo obreiro reparece tamén nas “Gabanzas dos canteiros”, homenaxe a un dos sectores do proletariado galego de máis clara conciencia política e sindical (boa parte do sindicalismo galego neceu, organizativamente, arredor dos canteiros identificados co socialismo).

Poética antiburguesa

Sorprende, en cambio, a escas concreción dos outros protagonistas n “Longa noite...”. Ás veces son presonaxes populares como a “María Soliña” dos areais de Cangas, ás veces falásenos de “un labrego do tempo dos sputniks” ou do Faco Pérez sin segundo, “propietario dunha cabra e dun terrón que produce cinco ducias de patacas”.

Cando non campesiño, o protagonista é o home honrado, o home sinxelo, os humildes, os pobres, os asoballados, etc.

Todo parece indicar que Celso Emilio prefire esta inconcreción dos seus personaxes, que, obreiros, campesiños ou pobres, sofran unha mesma explotación e son vítimas da mesma situación apresiva; todos eles son personaxes populares e “Proletarios” nun sentido amplio da palabra, así, no seu impresionante poema “Deitado frente ao mar...” non dubida en calificar ó galego como “lingua proletaria do meu pobo”, ainda sabendas de que ese pobo era maioritariamente campesiño e mariñeiro, “remo i arado, proa erella sempre”.

Existen, finalmente, outras voces que nos falan da protesta contra a guerra e dun posicionamiento



Celso Emilio, acompañado dun dos seus fillos, paseando por Vigo.

decididamente antibelicista e pacifista: “Soldado”, “Bautismo de sangre”, “Non me mires”. Existe tamén unha mensaxe de solidariedade internacional e de fraternidad con tódolos pobos oprimidos, así na “Noiteboa en Harlem” e en “Irmaus”, extraordinario manifesto de irmandade universalista e solidaria:

“Aunque as nosas palabras sean distintas, e ti negro i eu branco, se termos semellantes as feridas, coma un irmáu che falo.”

Eran todos estes temas novos na poesía galega dos anos sesenta e ánda, en xeral, nas letras galegas contemporáneas.

Do seu impacto popular dan fe

as múltiples versión musicadas dos poemas de Celso Emilio por parte dos cantautores da “Nova canción galega”.

Alegato antiburgués

“Longa noite de pedra” é, en definitiva, a maior alegato poético de carácter antiburgués da poesía galega de posguerra. Os ricos, os poderosos, os probes novos ricos, aparecen constantemente satirizados e retratados descarnadamente.

Ataca ós traidores, delatores, usureiros, carneiros conformistas (“Viaxe de volta”), ós tripudos burgueses del Ilmo. Sr. (“Anaco dunha carta”), ó mal eterno mal

gusto dos novos ricos e parvos con cara de domingo (“Ti e más eu”), a soberbia dos panteóns dos mortos poderosos (“Cimentario de ci-dá”), o desclasamento e o desprecio do país por parte dos soberbios, ruíns e poederosos, finchados, estúpidos e valeiros burgueses (“Deitado frente a o mar...”).

A avaricia, a cobiza, a hipocresía, son as lacras dunha clase social que fixo do culto ó diñeiro e ó consumo a súa verdadeira relixión; case tres décadas despois, a vixencia de moitos dos poemas de “Longa noite...” segue, desgraciadamente para a nosa sociedade e afortunadamente para a avalidez estética dos mesmos, plenamente presente.

Diccionario Normativo Galego-Castelán

¡AS COUSAS BEN FEITAS!

3 ANOS DE TRABALLO
UN EQUIPO DE 11 FILOLOGOS

Reconquista, 1
36201 VIGO

Telfns. 432100
433238



Cáritas
Cambia tu forma de vivir.

Los bienes son para todos
Comparte incluso lo necesario.

“Un home como hai moitos”

■ ANTONIO PIÑEIRO E CESÁREO VÁZQUEZ

Ferreiro, non fai falla decilo, está recoñecido como un gran poeta. A un poeta o que se debe facer é le-lo e non andar furgando a ver si foi esto ou foi aquello, porque, en definitiva, é—en frase que outro insigne poeta social se aplicara a si mesmo—“un home como hai moitos”, que, estamos seguros, é como lle gustaría ser considerado a Emilio Ferreiro, el que se declaraba iconoclasta, e para quen por enriba de todo estaba o home, e a poesía concebía como servicio a tódolos homes, facendo súas, como alguma vez dixo, aquelas palabras de César Vallejo:

Para que el individuo sea un hombre,/ para que el los señores sean hombres,/ para que todo el mundo sea un hombre,/ y para que todos los animales sean hombres.

Coa intención de achegarnos ó home concreto, conversamos con xente de Celanova —“Nacín (modestia fora)/nun lugar onde o mundo/se chama Celanova”— que o coñeceu e convíviu con el.

Os Ferreiro eran unha familia acomodada que tiñan terras de medias: (Fincas, como a coñecida polo nome ded “O tanque”, que Emilio acabou vendendo). Ferreiro, en plan broma, é cun dises arranques moi propios dos Ferreiro, contaba que el sempre pensou que a súa nai era a súa avoa, e que asúa irmá Polda era a súa nai: “Eu vía que todos lle chamaban mamá i eu tamén llo chamabá, pero a min parecía a miña irmá Polda (Leopolda, que era catequista, presidenta da asociacións relixiosas, e que se encargaba do cuidado e limpeza da igrexia), eu pensaba que sería fillo da miña irmá Polda e de algún crego”.

Formaban pandilla con Ferreiro, entre outros, Clodomiro Rodríguez “Clodo” —que era procurador dos tribunais e cuxa familia chamaban “Os Prenta”—, Ernesto Rodríguez “Ernesto da Amadora”, un tal Luis que mataron na guerra, Chicho Román, os irmáns Cajella (Marcelino e Manolo), e Pepe Velo. “Naquela época —conta Pepe Calleja—, e estou a falar de cando xa éramos mocíños con 17 e 18 anos, ós domingos dábannos duas pesetas que nos chegaban para ir ó cine —un cine que estaba no



O poeta, cun grupo de amigos, como sempre, listos para apreciar unha boa queimada.

colexio dos Escolapios e que valía unha peseta— e para ir a unha confitería que había na rúa Arriba (hoxe Curros Enríquez). Tomabamos un dulce, que valía 15 céntimos, e unha copiña de licor café, que valía outros quince. Pero el e o Clodo casi nunca tiñan cartos, e un día que estábamos alí e apaixonouse a luz —cousa frecuente naquela época, había unha planta de luz no Arnoia— el e o Clodo botaron mau á bándexa dos dulces e o dono que era un home moi bo e confiado cazounos e díxolles: ¡Bueno, xa mos pagaredes!».

Lembra tamén que “comprabamos entre todos un macillo de pitos que traía 20. Dunha vez gardouno el, topáronlo e castigárono

nunha palleira que tiñan detrás da casa, na rúa Arriba”, así como que “el tiña un cachorrillo —unha especie de escopeta, que faciamos coa varilla dos paraguas— e dende a palleira can que pasaba, can que le arreaba”.

“Xa de rapaz —afirma— facía versos. Gustáballe moito unha rapaza que se chamaba María Elena Román, que tiña os ollos más bonitos que se viran, e facíalle versos”.

A Venezuela, forzoso

No ano 62 compuxo uns poemas contra a dictadura, sátiros. Versos que se publicaron en Italia xunto con outros, según cita Alonso Montero no seu estudio sobre o

poeta, nun volumen titulado “Canti della nuova resistenza spagnola”. Editouse ademais un disco no que unha cantante italiana cantaba os versos de Ferreiro.

Todo esto provocou un acoso do Ministerio de Información e Turismo (—dossier “La Marellesa de los borrachos”—) e foi un dos motivos polos que Celso decidiu marchar a Caracas.

Aficiones

Celso Emilio era moi amigo das festas populares, das tertulias cos amigos... Cando mozo, tiña o costume de xuntarse na “Taberna do Galo”, “eramos todos amigos, xuntabamónos alí, e aquello era

como un teatro, pasabamolo moi ben”.

Tamén tiña moita afición á caza e pesca. “Dunha ocasión, ainda mozos, —conta Pepe Reza— caza-mos unha perdiz aí na “Chaira” e andivémola paseando durante tres días polos bares. Logo aficionouse á pesca. Unha vez fomos de pesca ó Limia, aí na Herdadiña, empe-zou a chover, puxémonos coma pitos e viñémonos sacar a miña casa, onde estivemos bebendo unhas copas de licor café. El marchaba para Vigo e levou dúas botellas de licor café, que lle din eu. O día seguinte chamoume e díxome: ‘¿liches os periódicos? O licor café que tomamos tiña metílico así que estamos envenenados, eu xa tirei polo retrete o licor café que trou-xen, con moito cuidadio, non fo-ra que explotara. Gracias a Dios non pasou nada’, dixo”.

Os últimos anos

Emilio, o último dos irmáns que viviu, acabou vendendo tódolo que a súa familia tiña en Celanova. Sen embargos seguía vindo ei-qui. Botaba uns días e marchaba. Falaba cos amigos, tomaba unha copiña de licor café con eles, ía comer a carne cocida ou guisada á Taberna do Galo, onde lle gustaba comer debaixo dos soportales e onde ceou no seu último San Roque, o de 1979. “A súa conversa non cansaba nunca”, dinos o don da taberna”.

Coa chegada da democracia, nas eleccións do 77, presentase a senador nas listas do PSG. Para a súa campaña fixo un folleto en verso que se chamaba “Romance eleitoral do cego de Trasmitas” e que remataba dicindo: “E si o consello dun cego / queredes seguir certeiro / votai, por favor vos prego / a Celso Emilio Ferreiro”. (Nota: O romance completo figura na páxina 16 deste especial—).

“En plena campaña, vindo de Bande, entrou nun bar a tomar café e escouitou un ‘ise soio ven por eiqui ós votos’,—según un amigo—; doeble tanto que marchou sin pe-di-lo voto”.

Por escaso marxe non saíu elexi-do senador, falláronlle precisamente Celanova.

No Milenario de San Rosendo, en 1977, Ferreiro foi o encargado de ler o pregón do Milenario, que titulou “Celanova no corazón”.

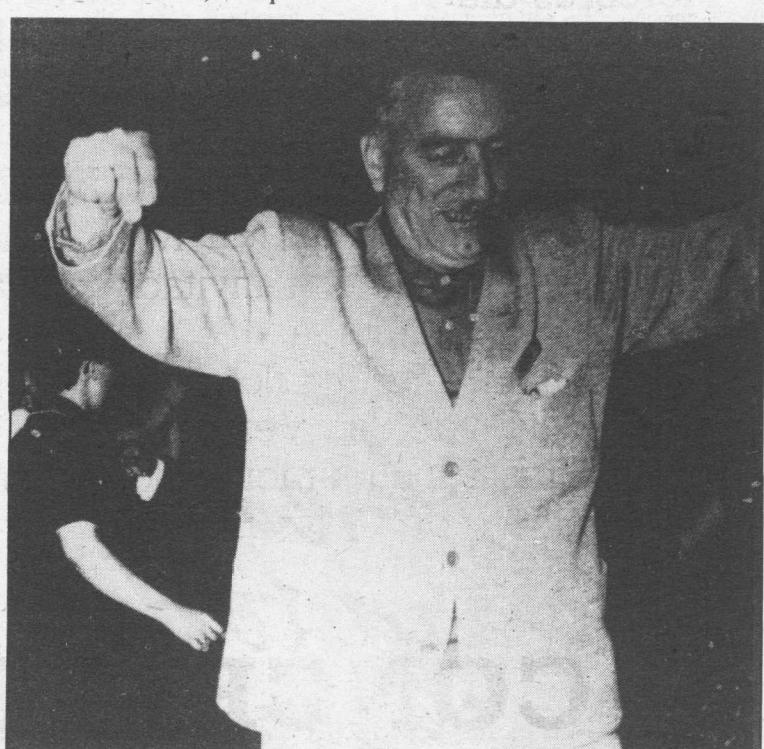
**LIBRERIA
PAPELERIA
OBXETOS de REGALO**



BETEL

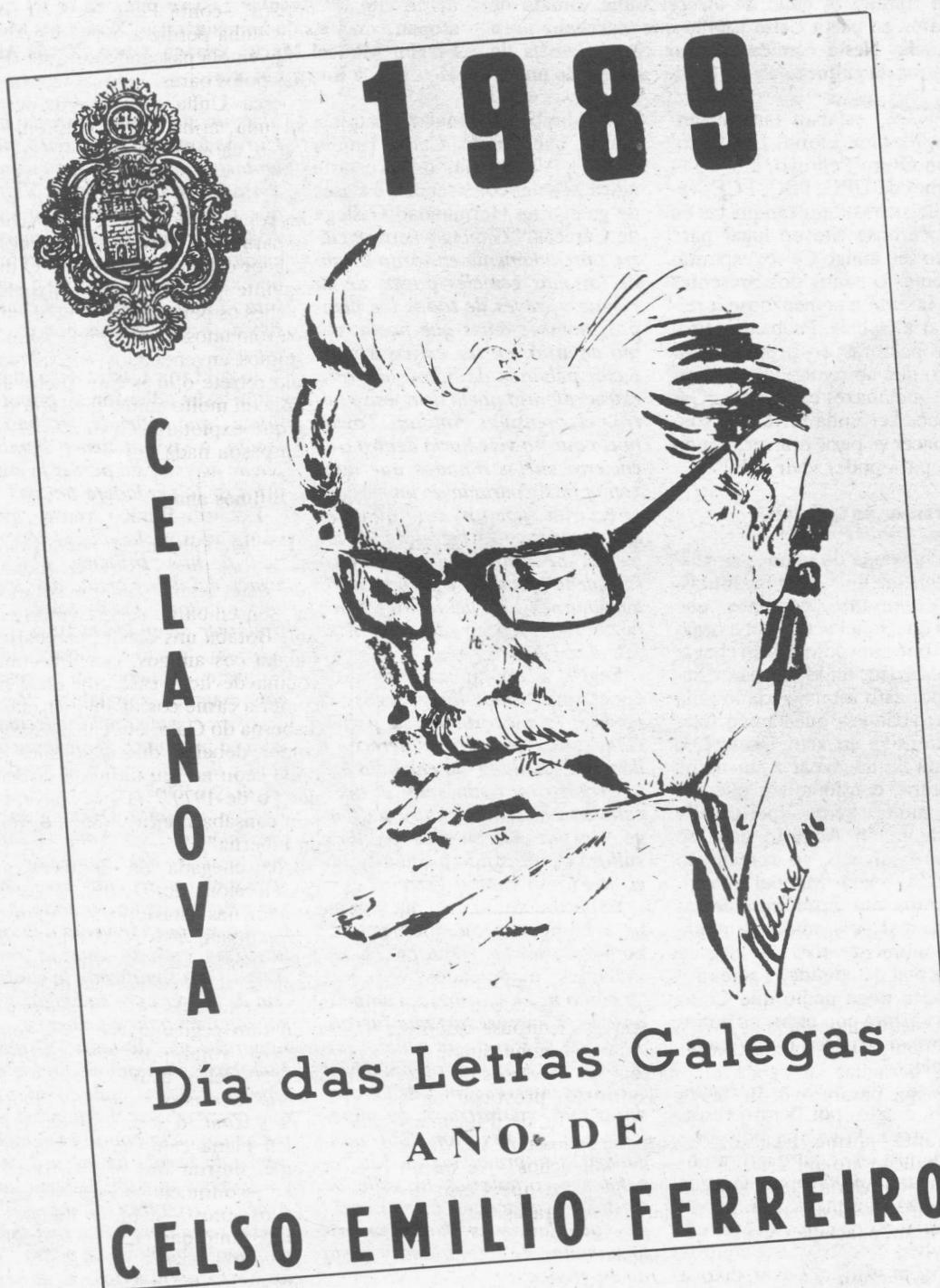
Lamas Carvajal, 13
tfn. 226241 Ourense





A alegria foi unha das constantes na súa vida.

DIA DAS LETRAS GALEGAS



SAUDO DO ALCALDE

Éme moi grato
nesta semán de actos
adicada ó fillo
de Celanova,
Celso Emilio Ferreiro,
mandarlle un saúdo a tódolos
celanovenses, ourensáns
e gallegos que visitan a vila
e veñen a honrar a memoria
do noso insigne poeta.
Nunca se lle adicou a ningún
escritor o ano das letras
en tan breve tempo
do seu falecemento
(décimo aniversario), honra
por outra banda xustificada.
Esperamos a Corporación,
a Comisión de actos
i eu mesmo, estar a
altura do que isto
significa e desexamos ás
autoridades que nos visiten
así como a todo-los
colectivos culturais
i á xente en xeral
unha feliz estancia
na vila.

PROGRAMA

Miércoles día 17:

- 11 horas.- Alborada polas rúas da vila, das Bandas de Música de Celanova e Vilanova.
- 12 horas.- Recepción de autoridades, membros da Real Academia Galega e invitados, pola Corporación.
- 12.30 horas.- Ofrenda floral no camposanto de San Verísimo.
- 13.30 horas.- Inauguración do Monumento de Celso Emilio.

18.00 horas.- Sesión extraordinaria pública da Real Academia Galega.

20.00 horas.- Concierto conxunto das dúas Bandas de Música de Celanova e Vilanova.

Xoves, día 18:

FESTIVAL MUSICAL FOLK.

Salón de Actos, 20 horas.

-Alecrín.

-Visita dos alumnos dos Colexios "Sagrado Corazón" e "Educación Especial" ás exposicións e o Diaporama.

CONCELLO DE CELANOVA

“Galicia debe ser unha terra para vivir nela”

JOSÉ LOIS CARRIÓN



Debuxo orixinal de Maite Vázquez.

OS NOSOS SERVICIOS

- MECANOGRAFIA AUDIO-VISUAL
- TAQUIGRAFIA
- RECUPERACIONES: BUP-E.X.B.

**OPOSICIONES
MINISTERIOS E S.S.**

- XESTION
- ADMINISTRATIVO
- AUXILIARES

XUSTICIA

- OFICIAIS
- AUXILIARES
- AXENTES

**OPOSICIONES
A PROFESORES E.X.B.
CURSILLO
DO VRAN
RECUPERACION DE
TODALAS ASIGNATURAS
DE E.X.B. – B.U.P. – C.O.U.
MECANOGRAFIA ESPECIAL
PARA ESTUDIANTES DE
B.U.P. e E.X.B.**

castelao
ACADEMIA

Curros Enríquez, 21-Local 16. ☎ 21.69.10-ORENSE

Segundo moitas versións, unha das concentracións de maior relevancia galeguista e afirmación naciona- lista que tiveron lugar na cidade de Ourense –noutro- ra a Atenas galega– durante o réxime de Franco celebrouse o 15 de maio de 1966, no desaparecido “Hotel Roma” co gallo de ofrecer unha comida de despedida ao poeta Celso Emilio que marchaba para Venezuela. Nesta comida dérone cita, ademáis de persoeiros da cultura galega, moitos amigos do home-

Asemade, estaban tamén Santórum, Matilde Lloria, Luis Soto, Ramón Otero Pedrayo, etc.

Homes da UPG, PSG, PCE, ve- llos galeguistas, antifranquistas en xeral, dérone cita no lugar para estar co seu amigo Celso; espontá- neamente, o sentir dos presentes fixose latente e comenzouse a reivindicar a Galicia. Proba desto foron as palabras do propio Celso Emilio, que ao remate dos discursos de homenaxe, exclamou: ¡Ga- licia debe ser unha terra non soio para nacer e para morrer, senón tamén para poder vivir nela!».

Lembranzas na lonxanía

Coa lonxanía do tempo, Augusto Valencia, un veterano antifascista ourensano, comenta que “coido que aquel acto estaba organizado por Luis Soto, recién chegado de México, onde estaba exiliado, e por esto estaba vixiado pola Policía, vixiancia que tamén fixeron extensiva ao acto, porque, a pesar de homenaxear a un home da cultura, consideraban que nel había moita xente ‘perigosa’”. Lembra tamén Augusto que “se non me equivoco, ao xemate de xantar, o poeta Manoel Mariá, que estaba nas primeiras mesas, sentíuse mal pola emoción, ainda que no momento dixo que algo lle sentara mal da comida. Tamén foi este poeta quen pediu que Celso Emilio entrara con todos os honores a formar parte da Real Academia Galega”.

A pesar da faciana tranquila que tiña o acto, por dentro respirábase precaución, non polo que representara en si, xa que era unha despedida ofrecida por galegos a un irmán que marchaba, senón polo momento político que se estaba a vivir. “Dentro deste contexto, o poeta Antón Tovar dixo a todos que ‘as cousas, ainda que con medo, hai que decilas’, frase que acudou un aplauso unánime, ao tempo que algún presente berrou o de ‘viva Galicia ceibe’, que foi longamente coreada”.

O que dixerón os xornais

A repercusión política da homenaxe, como é lóxico, non tivo cabida en ningún diario daquela época; a pesares desto, e para ler entre liñas, en **Hoja del Lunes de Orense**, correspondente ao 16 de maio, e ao día seguinte **La Región** ofreceron unha amplia información do acto, cunha extensión superior á media páxina.

Nesta información podíase ler que “Galicia toda, presente y ausente, pero presentida en la gigantesca montaña de expresas adhesiones escritas y aún en el apoyo tácito de un pueblo disuelto en el ambiente de un acto, ofreció ayer, a las dos de la tarde, en los bajos del antiguo ‘Hotel Roma’, la anuncia- da comida homenaje al gran poeta gallego Celso Emilio Ferreiro que –como en su día su paisano Curros Enríquez– se halla en vísperas de una dolorosa marcha, con un pie ya en los amargos caminos que miradas de emigrantes tomaron un año tras otro”.

naxeado así como unha representación dos veciños de Castrelo do Miño, localidade que quedaria sulagada por un encoro, e que querían demostrar no acto a súa oposición, postura defendida por todos os que ali estaban. En total foron unhas 250 persoas as que se deron cita no popular restaurante, entre as que se atopan, ademais do homenaxeado, Xosé Luis Méndez Ferrín, Manoel María, Blanco Amor, Xesús Alonso Montero, e Ramón María.

hizo un parangón entre el bardo Curros Enríquez y Ferreiro, poetas ambos de su tierra y de su tiempo”.

En nome da cidade de Vigo, na que residía o poeta, falou Emilio Alvarez Blázquez, que gabou as cualidades do escritor e do home, desexando que o retorno a Galicia faga rápido, “porque Galicia necesita de sus hijos más recios y preclaros”.

José María Castroviéjo manifestou a súa adhesión ao poeta e ao home “que defiende, en todo momento, a los que tienen hambre y sed de justicia, sin perder la esencia lírica de la verdadera poesía”.

Eduardo Blanco Amor, “que vivió 46 años en la emigración, pronunció una brillante alocución acerca del deber actual del poeta y del escritor, manifestando que cualquier debilidad evasiva constituye una traición”. Xesús Alonso Montero explicou –di a reseña– con magníficas palabras “lo que significa el papel del intelectual en la hora presente y se pronunció en contra de la deserción de los intereses del pueblo”.

Albino Núñez Domínguez, “al presentar a Luis Soto –fabuloso mantenedor del homenaje, que coordinó las distintas intervenciones y supo adoptar, en todo instante, el tono que convenía a la oportunidad– expresó que la revista ‘Vieiros’ ha significado la continuidad de la literatura en lengua galega, interrumpida y postergada durante docenas de años. El mismo Luis Soto, en nombre de los emigrantes gallegos, saludó al poeta que cruza ahora el Atlántico para tomar contacto con la emigración, tremenda herida de nuestra tierra, y manifestó que los desterrados de América recibirán al maravilloso poeta –cuya obra es un mensaje de paz ‘na longa noite de pedra’– con los brazos abiertos a la esperanza”.

Nun lugar de honor pronunciou un extraordinario discurso o Patriarca das Letras Galegas, Ramón Otero Pedrayo, “señalando con énfasis que esta comida –homenaje constituyó un verdadero acto histórico para la Galicia sufrida y olvidada. Cantó las bellezas de la tierra, ensalzó la poesía excepcional de Ferreiro y fustigó la injusticia secular que sufren nuestros labriegos en la noche del abandono y de la emigración”.

Adhesións

Tras unhas palabras de Celso Emilio nas que agradeceu a homenaxe “se leyeron algunos telegramas y cartas, ante la imposibilidad de reseñarlos todos, pues constituían centenares. Entre ellos destacaremos las adhesiones enviadas por la Academia de la Lengua Galega, Centro Gallego de Madrid, Colegios de Abogados de la región y las grandes entidades gallegas de América, especialmente la Hermandad Gallega de Caracas y el Pastronato de la Cultura Gallega de Méjico”.

Ainda que pareza difícil, “al terminar el acto, todos los asistentes, puestos en pie, entonaron el himno gallego”.



Terra que me namora,
cidá do meu contente i alegría.
Con ela teño a miña fantasia
soñando con lecer, hora tras hora.

E soño unha imposible alba amante,
unha dóce seitura
rente da orela escura
do río camiñante.

Un largasío outono de limós
ten alí o seu máxico aposento.
Polo porta do aire crusa o vento
decindo as suas canciós.

Silandeiros xardís
cincuidos de paxaros e roseiras.
Sombrizas carballeira
coma ronseles de ouro nos confis.

Hai un rebulir de veas latexantes
no misterio das fontes.
Baixo a gracia das pontes
pasa un espello azul de augas distantes.

Baixa lenta a serán
dende segredas torres desprendida,
e na brisa durmida
pendura unha mazán.

Si digo Ourense xurde na lembranza
un tempo adolescente,
unha voz maternal e confidente,
unha perdida luz, unha arelanza.
Un fume de magosto
rubindo pasenío
cara o ceo mansío.

Un recén nado mosto,
agasallando a boca bulangueira;
un rebumbio de berros e cantigas,
unhas verbas antigas,
un mito, unha foguera.

Ourense, froi que o meu desterro aruma,
arpa de soedá no vento erguida,
lonxano Edén, saudade estremecida,
canle de señardá, corga de escuma.

E vexo cada dia
unha dourada túrica de soños,
un fermoso perfil, unhos risos
touzais de amencer con melodia.
A Ourense vou por tódalas vereas
pois teño ali o sangue
e teño ali as veas
da miña poesía.
E da melancolia
que me abrangue.

"(Ao lonxe, Ourense)".
De "Viaxe ao país dos ananos").



DEPUTACIÓN PROVINCIAL DE OURENSE

DIA DAS LETRAS GALEGAS 1989

Celso Emilio Ferreiro, después de la larga noche de piedra

■ CÉSAR ANTONIO MOLINA E LUIS SUÑEN

Celso Emilio es uno de los más importantes poetas gallegos de nuestro tiempo y, sin duda, el más conocido. Su obra ha alcanzado una difusión pocas veces lograda por un poeta peninsular de lengua no castellana. Sus libros más significativos, "Longa noite de pedra" (1962) y "Vixxe ao país dos ananos" (1968) han sido reeditados en varias ocasiones. Sus poemas han sido difundidos por los más importantes cantantes de Galicia, desde aquellas primitivas "Voces Ceibes" a las recreaciones profundas, impregnadas de una sensibilidad única, de quien tal vez haya comprendido mejor lo más profundo de esta poesía: Luis Emilio Batallán.

Ensalzado, atacado, engrandecido y denigrado, Celso Emilio Ferreiro -nacido como el gran Curros Enríquez en el pueblo orensaniano de Celanova, en 1914- es, de alguna forma, y para quienes viven fuera de Galicia, la personificación más clara de la poesía de su país.

La política

-Tu fuiste uno de los fundadores de la UPG (Unión do Pobo Galego). ¿Cómo ves su modo de acción y cuáles son tus relaciones con ellos?

-En efecto, fui uno de sus fundadores, pero por discrepancias surgidas después de mi marcha a América, en mayo de 1966, me separé de la organización, cuya forma de actuar y de enfocar la problemática gallega respeto, pero no comparto. No mantengo relaciones con ellos salvo en un aspecto: Soy frecuente víctima de sus maldicencias y de sus intentos de descalificarme. Al parecer han adoptado el lema de los intransigentes: "Quien no está conmigo, está contra mí".

-¿Cuál es tu postura actual? ¿Cómo ha evolucionado desde aquellos años? Se te ha acusado de haberse desentendido, de no tomar partido...

Mi postura actual no difiere de la que mantuve siempre. Soy un gallego de izquierda, formado en el marxismo como método de análisis de la sociedad y de la historia. No he cambiado. Lo que sí ha cambiado, y mucho, es el contexto que sirve de base a mis presupuestos ideológicos. Por otra parte, los años y las experiencias vividas me han llevado a las fronteras del escepticismo, lo cual no me ha impedido hacerme militante de base del PSG (Partido Socialista Galego).

Ataques

-En uno de los últimos números de la revista gallega "Teima" (*) se te atacaba, a pesar de afirmar que eras el mejor poeta en lengua gallega, por una serie de cuestiones: El asunto del Ateneo, escribir en castellano en algunos periódicos de Galicia, "El Faro de Vigo" entre ellos, y sentarte en el jurado de un concurso junto a la Condesa de Fenosa.

-No estoy seguro de si me atacan o no, porque el texto en donde me nombran es muy ambiguo. El redactor anónimo que lo escribió puede que sea un bienintencionado, pero sin duda es un inexperto y está deplorablemente informado. No quiero hacer más comentarios. Sé que la verdad termina imponiéndose siempre.

-¿No representas más a la literatura gallega fuera de Galicia que en tu propio país?

-Representantes de la literatura gallega son todos aquellos que contribuyen a mantenerla viva. El hecho de ser más conocido fuera de Galicia que otros escritores gallegos, no implica ningún juicio de valor. Es un asunto de difusión editorial debido a que la mayoría

de mis libros han sido publicados en ediciones bilíngües y por editores no gallegos que los han distribuido por toda la península y América Latina. Es una ventaja que, paradójicamente, me ha sido proporcionada por la sórdida conspiración de silencio decretada por cientos estamentos del galleguismo cultural. Ninguna editorial gallega -salvo Ediciones Castrellos- me ha propuesto nunca publicar un libro.

Situación de Galicia

-¿Cómo ves, tú que has vivido fuera de ella tantos años, la situación actual de Galicia?

-Soy optimista al constatar que la conciencia gallega está hoy más despierta que nunca. No obstante, soy pesimista al ver la falta de unidad de la izquierda, su minifundia dispersión y su tendencia, en algunos casos, a confundir la realidad con sus deseos.

-¿Cuál es la posición de cierto tipo de emigrante gallego, aquel que no resistió verse desmitificado en tu obra titulada "Vixxe ao país dos ananos"?

-Creo que es la misma que yo denuncié en mi libro, y en numerosos artículos al efecto que escribí y publiqué. Y aprovecho la ocasión para decir algo que no podía decirse cuando publiqué "Vixxe...", y fui despiadadamente tratado por los mitómanos de la emigración: Que este libro es el fruto amargo de la lucha que yo, con otros compañeros, sostuvimos contra los fascistas de la colectividad, todos ellos al servicio del franquismo exterior, y algunos incluso con sueldo fijo, oficial, por su calidad de agentes provocadores.

Emigración

-Sigues pensando que para Galicia la emigración ha sido un error histórico del que tardará en recuperarse?

-Desde luego sigo pensándolo y tengo razones para afirmar que antes de que pasen 15 años, de los gallegos de América no quedarán más que sus apellidos. Y poco podemos con ello, porque la emigración, que se remonta a finales del siglo XVIII, nada importante ha hecho por Galicia. Si alguien le debe agradecimiento, incluida la emigración a Europa, es el régimen franquista, ya que con sus grandes remesas de divisas contribuyeron a fortalecer la balanza de pagos, enriquecer a la oligarquía y solucionar los problemas del paro. Consolidaron la dictadura.

-La polémica en torno a este motivo te hizo enemistarte con algunos intelectuales gallegos, como Luis Seoane o Alvaro Cunqueiro. ¿Cómo son en la actualidad tus relaciones con ellos?

-No hay relaciones.

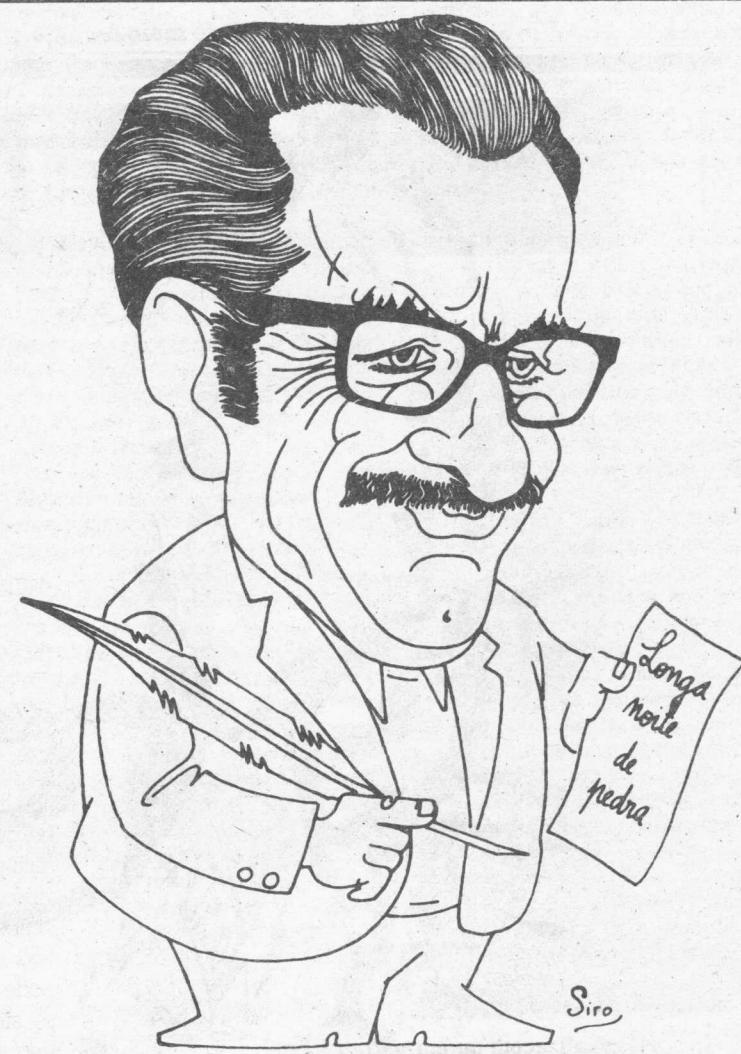
-¿De qué tiene que vivir un poeta gallego, como tú, fuera de Galicia? ¿Podrías vivir en tu tierra?

-En mi caso, vivo de escribir -en castellano, obviamente- en el periódico donde trabajo y en las

Paisanos Celso Emilio, agora

Dín que a pálabra rebelde de Celso Emilio Ferreiro esmorecú nese funil de cimento —que non de pedra— que os madriles. Dín que Celso non ten problemas pra escribir en castelán —despois de tantos anos de loita— nalgún xornal galego, e algúns perguntonse por qué aparece o seu nome nun xurado literario xunto coa condesa da electricidade... O mesmo feito de aceptar a presidencia da Aula Galega do Ateneo —coincidindo coa negativa de Cela pra presidir a Institución— provocou moitas críticas.

Pro o lombo de Celso Emilio estaba dorido dende fai anos por outros paus ben distintos e más sanguinantes: os que perseguión a sua poesía necesaria, os que calaron o seu berro xusticiero, os que se cuestionaron a voz limpia dos seus poemas, os que prohibiron... Celso Emilio foi pra moitos galegos a palabra xusta e ó mesmo tempo fermosa. Moitos insisten, e seguramente teñen razón, en que Celso Emilio é o millor poeta galego contemporán. ¿Cómo respostar logo ás críticas actuáis? Cecás non haxa



nin aburguesamento nin esquecentamento, cecás non haxa un cansancio fondo... entre tanta longa noite de pedra.

(*) Artigo ao que fai referencia "Ozono", publicado o 3-10 de marzo do 77, no número 12 de "Teima".

colaboraciones que sostengo con varios medios. Desde luego, Galicia nunca ha podido sostener a sus escritores. Por muchas razones, y por otra más que Curros dijo en hermosos versos: "Porque Galicia suele desnudar a sus hijos para vestir a sus yernos".

-En unas declaraciones recientes, Miguel González Garcés decía que ya era hora de que desaparecieran los poetas políticos porque lo que necesita Galicia eran políticos poetas...

-Garcés parece confundir la gimnasia con la magnesia. Su horror a la política le viene, sin duda, de su pasado franquista. Su peregrina tesis de que deben desaparecer lo que él llama poetas políticos, denota una postura imprópria de un universitario. Creo que los que en verdad deben desaparecer son los poetas malos, los escapistas neutros, los liróforos celestes y los disfrazados de "inteligencia".

La literatura

-Aparte de lo que opinan los críticos, generalmente favorables atu obra, ¿qué es lo que realmente ha aportado tu poesía a la lengua y literatura gallegas?

-Si aporté algo, fue un sentido de lo gallego imbricado en lo universal. Siempre he pensado que Galicia es una tierra que está en el mundo, y que sus problemas no son nuestros solamente, sino de todos los hombres. En cuanto a la lengua, no creo haber aportado nada importante. Deliberadamente, y por razones de comunicación -poesía es comunicación, dice Aleixandre-, escribo en el lenguaje popular que desde niño he hablado y que escuché de labios de mi madre. No soy un purista

del idioma, como suelen serlo muchos que lo aprendieron ya de mayorcitos, a través de los libros.

-¿No crees que el seguir miméticamente una poesía realista te ha privado de la posibilidad de una mayor evolución estética?

-Las poesías de Manoel António y de Amado Carballo no fueron una tentativa, sino algo logrado y definitivo. Ambos hablaron como sabían. Yo no podría -ni tampoco quería- hablar como ellos. Cada poesía debe hacer donación de lo que tiene. Si pretendo dar lo que no es suyo se falsifica.

Poesía social

-Haber insistido en esa poesía social, olvidando su comportamiento estético, ¿no será, a la larga, peligroso para la evolución de la poesía gallega?

-Yo no accepto para mi poesía la clasificación de social, porque esta denominación es fraudulenta, equívoca y tendenciosa, producto de la pereza léxica y mental de quien la inventó ignorando que ese tipo de poesía es tan viejo como la poesía misma, y nunca se ha llamado así. En Galicia, la poesía combativa, la antropoesía, tiene una tradición que se remonta a los cancioneros medievales, no es una moda, sino un modo de entender e interpretar la vida. Tampoco accepto que esa poesía -y la mía, concretamente- haya olvidado la estética. Lo que ocurre es que cada uno tiene su interpretación propia de lo que es la estética. Para mí, por ejemplo, clamar contra la injusticia es más bello que cantar a una rosa. Defender poéticamente la dignidad del hombre es más hermoso que describir "liricamente" un claro de luna, y por supuesto mucho menos cursi. El canto a

la libertad de Paul Eduard, o el "Oráculo sobre Managua" de Ernesto Cardenal, son, pese al profundo sentimiento ético (testimonial) que los impregna, mucho más estéticos que las rimas de Bécquer.

-ENSEÑAR AL PUEBLO LO QUE LOS POETAS SIENTEN, ELEVARLO CULTURALMENTE, ¿NO SERÍA MÁS ÚTIL QUE DIRIGIRLE LIBROS QUE, AUN ESCRITOS EN SU LENGUAJE COTIDIANO, NO VA A LEER?

-ESTIMO QUE CANTAR SOLAMENTE EL TÓPICO DE LO QUE, CONVENCIONALMENTE, SE CONSIDERA BELLO ES, ADEMÁS DE FRIVOL, DESHONESTO. YO HABLO, REPITO, "DESDE" LA REALIDAD DE MI PUEBLO, COMO PARTE DE ÉL QUE SOY. NO HABLO "PARA" NINGÚN DESTINATARIO DETERMINADO. ESCRIBO IMPULSADO POR UNA NECESIDAD INSOLOSABLE DE EXPRESARME. COMO EL MIRLO CANTA EN LOS HUERTOS DE OTOÑO, EN MI TIERRA. QUE EL PUEBLO TIENE DERECHO A ELEVAR SU CULTURA, LO SÉ MUY BIEN, PUESTO QUE SOY PUEBLO. PERO YO NO TENGO EN MIS MANOS LA POSIBILIDAD DE IMPOSER UN PROGRAMA DE DOCENCIA QUE REMEDIE EL MAL. SÓLO TENGO MIS POEMAS PARA DENUNCIAR, CON PALABRAS VIVAS, ESA INJUSTICIA FLAGRANTE.

-¿NO CREES QUE ASÍ TAMBIÉN HABRÍA MENOS ARIBISTAS?

-NO, NO LO CREO.

-¿QUÉ TE PARECE LA GENERACIÓN INTERMEDIA ENTRE TU POESÍA Y LA DE LOS NOVÍSIMOS? FERRÍN, MANUEL MARÍA, NOVONEYRA, GRAÑA...

-ME PARECE EXCEPCIONAL.

-¿Y LOS NOVÍSIMOS?

-NO ME PARECE EXCEPCIONAL.

(Parte da entrevista realizada por César Antonio Molina e Luis Suñen na sección literaria da revista "Ozono", no seu número 20, correspondente ao mes de Maio de 1977. Respetouse o idioma orixinal da mesma).

Lembranzas de Manuel María

Está prácticamente xa no prelo un libro escrito polo poeta celanovense Xosé Manuel del Caño realizado en base a unha chea de conversas mantidas co bardo Manuel María, o chamado "poeta da Terra Cha". Del Caño falara con Manuel María de cantidade de persoas e temas; concretamente Nunha delas, ambos conversan da obra e persoalidade no home a quem este ano estalle adicado o Día das Letras Galegas.

Anécdotas, a persoalidade de Celso, e unha pequena análise da obra están expostas ao longo deste curto pero interesante traballo.

Velaí a entrevista:

-Ti coñeciches e trataches moi a Celso Emilio...

-Coñecino polo ano 52-53. El estivo aquí, en Monforte, nesta casa. Tivemos unha relación epistolar grande. Eu teño unha correspondencia moi abondosa e moi sincera del, que afecta a moita xente importante de Galicia. Contoume toda a amargura e a problemática que viviu na Hermandade Gallega de Caracas...

Anécdotas

-Cóntanos algunha anécdota del.

-Unha vez que estaba en Pontevedra, tomado unhas tazas nunha taberna, chegou alí un tipo e quedouse mirando para el. "¿Ti non és o Ferreiro de Celanova?", díolle. "Son", respostoule. "Eu tamén son de Celanova". "Pois non te coñezo". "É que levo moitos anos en México, e acabo de chegar...". "¡Home, alérgome

■ XOSÉ MANUEL DEL CAÑO

moito!". Para celebralo tomaron outras tazas. E seguiron a conversa: "¿A ti non che interesa a política?", preguntoule o emigrante. "Sí que me interesa". "A min interéssame tanto que son carlista". "¡Qué casualidade!" exclamou Celso Emilio-, eu tamén son carlista!". "Pois xa que somos carlistas os dous, imops celebralo tomándolle outras tazas". Ó rematar, preguntoule Celso: "¿E de que rama carlista és?". "Eu son de don Carlos Hugo". "Aíxa non coincidimos -repouxo Ferreiro-, eu son carlista de don Carlos Marx".

A súa obra

-¿Qué che parece a súa obra?

Celso sabía moitas sentencias rimadas de don Paco Roque, e contaba unhas historias fabulosas da súa mocidade con Velo. Dizia que en Celanova bebíase por metro. Tiñan a medida marcada no mostrador, chegaba calquera á taberna, e dícía: "Hoxe veño moi contento". "¿E logo, qué pasou?", preguntáronlle. "É que veu dicir a misa o cura da parroquia do lado, porque o noso foi ós baños a Mollgas, e eu púxeme alí, e ¡plin, plin!, boteille tres comuiños".

"Un home aberto"

-Fainos un retrato de Celso.

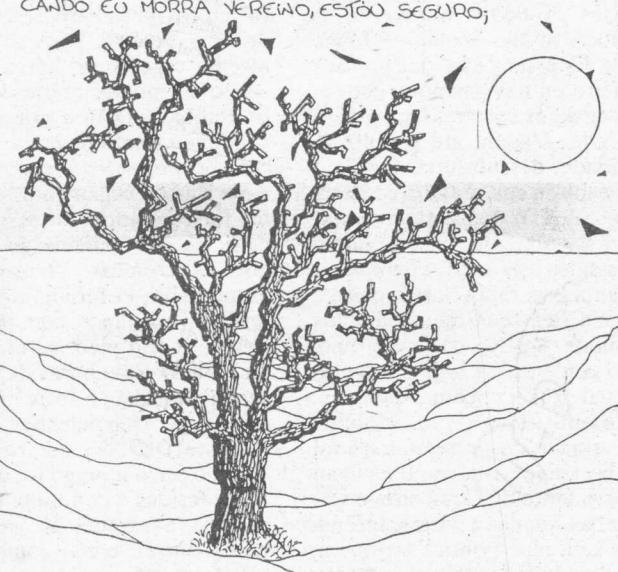
Era un home de mediano alzor, un pouco cargado de costas, nin grosos nin delgado; tiña uns bigotes roxos, unha cara alongada, unha fronte moi ampla, unha cabeza un pouco cadrada na forma, pelo roibo e ondulado, que peinaba cara atrás, e ollos azuis. Era un home moi aberto, moi falarón e moi simpático. Cantaba con



Celso, un home aberto, amigo das festas e alegria.

O ÁRBOL

A MORTÉ É COMA UN ÁRBOL
SEMENTADO CON ÚN, E QUE NOS NASCE
AO TEMPO QUE NASCEMOS, COA PRIMEIRA
BAGOA NOSA NOS OLLOS.
UN ÁRBOL QUE NOS NASCE A MAN ESQUERDA
DUN CAMIÑO LONGUÍSIMO NA NOITE.
CANDO EU MORRA VEREIRO, ESTOU SEGURO;



UN ÁRBOL SÓ, UN ÁRBOL DESFOLIADO,
DIANTE DE MIÑ RUBINDO CARA O CEO
COMA UNHAS MAUS EN REZO
AO FONDO DUNHA CHAIRA.
UN ÁRBOL SÓ, UN ÁRBOL
ESPIDO DIANTE A NOITE,
MEDRANDO, IRÁ MEDRANDO, IRÁ MEDRANDO
ATE ATICIGARME OS OLLOS DE FORMIGAS.

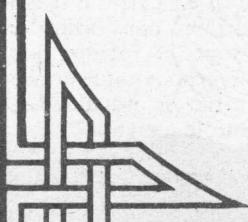
CESIO GILIO FERREIRO
& MAIS CÉSAR

"QUERO MORRER EIQUI (CANDO ME CHEGUE
A HORA DA VIAXE QUE ME AGARDA)"



Tanco

Libreria e Papeleria



Xosé Antonio, 20
tfno. 23 23 31 Ourense

Navegantes pontevedreses: Os grandes desconocidos

Galicia ten no ceo un camiño de estrelas. Por el, ven o mundo a nós, e n-el empreñouse o conceuto de Europa. Cando por mor dos pequenos preitos dináticos, e a resultas de cativas loitas bizantinas en col do poder temporal vaticanista, os peixes mediterráns seica levaban no lombo a marca das barras catalano-aragonesas e capitáns sin bandeira señoreaban terras e mares ao servizo do mellor pagador, entón Jacobsland-Galicia, era xa un fito da Europa non nata, i-en Compostela, sabíase ben cal era o porvir de ocidente.

Mais si o mundo ven a nos por un vieiro labrado no ceo dándonos a impronta do noso ser, os galegos en troques pra ir o mundo usaron dos carreiros infindos do mar, posessos de ise desacougo cósmico de partir, de marchar, de romper o anelo, que apreixa os povos imaxinativos que teñen de cotío o curazón acugulado, de preguntas sin resposta. Frente o mar as preguntas tórranxe chagas vivas, latejos irresistíveis, fáustico prido sin remedio. ¿Qué hai más alá da comba onde o mar e o ceo se beixan garimosos? ¿Qué terras e qué homes? ¿Qué llúas e qué estrelas? Vivir é navegar. Para os povos que teñen o mar a veira, vivir é botarse debruzado n-ur-ha teoria de roitas, para que, ao modo que cantaba docemente Virxilio: "...quedan lonxe países e cidades".

Para a fame aventureira dos nosos mariñeiros -que levaban no seu empux racial forza e caste de Almirantes de Castela- agromou a rosiña dos ventos cen navegacións desoñecidas. Contalas sería o conto de nunca acabar. Non embarcantes, aunque sexa pol-a lixeira, compre decilas pra vergoña da historia oficial que se esqueceu de unhos homes, de unhos craros varóns que escribiron co as bras das súas maos autente historia -sin frases grandilocuentes, sin aititudes histriónicas- feita con feitos de carne e hoso, en heroísmo verídico.



Celso Emilio, un namorado do mar.

cos i-en loitas transcedentes. Pero n-este negocio do mar, coma na terra firme, Galicia non conta. E o seu "pathós" tráxico: Ela que protagonizou tanta ten un posto de comparsa, namentres os figuróns de palla rebrilan falsamente.

A vocación mariñeira dos galegos é tan vella coma o mesmo mar. No poema "Ora Marítima" xa Fausto Aviño nos fala do passado dos navegantes fenicios que vi-

ñan as nosas praias en precura de estao, ao ver como aquiles homes sulcaban o mar arriscadamente en barquiñas feitas con varas de carballo recubertas de coiro. Mais non divaguemos en col de feitos dubidosos, perdidos na brétema da prehistoria, mar sin orelas, sempre doado para o naufraxio eruditio. Falemos de homes sin mito e de feitos testimoniados cumplidamente. A navegación galega histórica háchase vinculada quasi totalmente a Pontevedra. Da Escola Náutica de Moureira saíron algúns dos mais grandes capitáns do mar. Lembremos en primeiro termo a Payo Gómez Chariño, señor de Rianxo, poeta e Almirante que ao mando de Vintaeze naos galegas "gañou a Sevilla sendo de mouros", quebrou o poder de Axataf, gran inimigo da cristianidade, i-extendeu longamente as terras de El Rei Santo don Fernando, loitando fortemente no asedio de Alxeciras e sendo ún dos primeiros na toma de Xaén, según contan fermosos versos do cancioiro da Vaticana:

"Ay Sant Iago, padrón sabido,/vos m-adugades o meu amigo;/sobre o mar ven quem frores d-amor ten / mira-rey, madre, as torres de Jaén".

O mui nobre cabaleiro Payo Gómez Chariño viviu e morreu coma os héroes dos romances épicos. Vede con sinxela terenza conta a sua morte a "Crónica de Fernando IV": "e estando Payo Gómez, llegose a él un caballeo que decian Ruy Pérez e dióle con un cuchillo por medio del corazón e cayó luego de un caballo e que estaba, muerto en tierra; e luego fuyó este caballero par Portugal e cuando lo sopo el Infante don Juan pesó mucho por que era de su bando, e fué en pos de Ruy Pérez e alcanzóle e matóle".

I-aquel Xoan de Nova ao servi-

cio de El Rey de Portugal, que un día de miol quiñentos úa, kevando as suas ordes ao famoso Américo Vespucio saíu con catro naos rumbo a India, descubréu as illas da Ascensión e de Santa Elena, e trabou combate viscotrioso coa escadra do Emperador de Calcuta.

E Pedro Sarmiento de Gamboa, capitán de mar e terra, o mais ilustre dos navegantes científicos do século dezaseis, según o califica o británico Clements R. Markham no seu libro "Narratives of the voyages of Pedro Sarmiento de Gamboa to the Straits of Magellan". Este mariñán falego foi o primeiro en navegar pol-o estreito de Magallans entrando pol-a parte de Chile. Vixou ate o golfo da Trinidade, descubriu as illas Salomón e loitou con bravura contra as xentes de Drake, nas maus de quen, finalmente, caíu prisioneiro, sendo levado a Plymouth e presentado a raiña Isabel, coñecida por xa dos seus merecimentos. Sarmiento sostivo coa raiña unha longa conversa en latín, a resultados da qual foille encomendada una importante tarea preto do duque de Parma e do goberno español. Tan bon diplomata como navegador, Sarmiento da Comba foi e véu, de unhas cidades a outras, tecendo unha util rede política ate que no nadal de 1586 foi preso na Gascuña polos luteranos. Estivo tres anos en cadeas o cabo dos cuales foi rescatado, a troque de 6.000 ducados e catro caballos, por El Rei Felipe II, de quen dende entoncias foi conselleiro náutico.

E os irmás Nodales que, dempos de loitar valentemente contra os holandeses, adicáronse a navi-gación científica ao longo de Magallans e Mayre, veiraron a Terra

do Fogo rematando os mapas e cartas da América do Sul, e descubrindo dempois de 5.000 leguas de viaxe, un certeiro e xa definitivo paso de Estreito.

E Xan de Matos que gañou a pulso o grado de Almirante de Mar Oceano e Gobernador da Escadra Galega, en tempos de don Felipe IV, comenzando a sua carreira coma sinxelo grumete. Portou como os bons na toma de Fonterribia e na rota de Dunas, frente os holandeses; e ao verse pexado para loitar, púolle lume ao seu propio buque, feito éste que lle fixo decir a El Rey: "El arrojo de Juan de Matos es el mayor que se ha conocido en soldado alguno".

E o esforzado cabaleiro Alfonso Jofre Tenorio, Adiantado de Castela, Garda Maior de El Rei, Rico Home, Almirante e señor da vila de Moguer. Sua vida semella a de outro Amadía de Gaula, tales foron os feitos, aventuras e victorias debidas a sua man rexia e ao seu corazón ardente. En 1325, no Estreito de Xibraltar, ao mando de seis galeiras e oito naos, púolle frente a 26 galeiras do reino de Granada e vencéunas, apreixando tres barcos e 400 inimigos. Poucos anos dempois, sóupose que Abul Assam, rei de Marracos, axeitaba forzas para desembarcar na península. Castela, Portugal e Aragón xuntaron axiña unha escadra de 90 naos que, a mais da frota de Galicia por Jofre Tenorio capitaneada, foron postas baixo o mando de Gelabert de Crilles, quen, os poucos días foi morto en loita, causando a fuxida da escadra, que non puden impedir o desembarco. Entónicas non faltou que lle botara a Jofre sobre a dúbida no ánimo de El Rei, coa sospeita de que Jofre estivese vendido ao mouro. Sua muller, doña Elvira, soupo da aldraxante calumnia e mandóllu decir ao seu marido, recomendándolle "que mirase pol-a sua honra". Jofre hachábase doente, colido das febres, mais o sabel-a afrenta ergeuse do leito, amndouizar o estandarte real e deu ordes de combate. Diante a desigual loita ningún dos seus homes amoreceu, pois tiñano por señor natural e servianxo cegamente. O barco de Jofre Tenorio foi atacado por catro galeiras, dende as que, segundo as crónicas, "facíanle muy grand daño, et ferían, et mataban muchos cristianos con barras de fierro, et con piedras, et con saetas". As poucas horas de loita tan soio arrodeaban a Jofre uns cantos cabaleiros "que peleaban muy furtamente". O derradeiro en caír baixo o ferro inimigo foi el, cuberto de feridas e con unha perna en cercén, abrazado ao estandarte real. Morreu como compre a un cabaleiro esforzado.

Estas, e outras moitas, foron as fazañas e feitos dos navegantes gallegos. E xa que a historia non sempre as menciona lebrémos-las-oxe pol-as ondas impalabábeis do ar, pensando nas rías onde o mar chámá aos galegos c-unha voz escura e misteriosa.

Texto radiado pola londinense da BBC, no seu programa en galego, o 11 de outubro de 1948.

THE ENGLISH BOOKSHOP

LIBROS GALLEGO Y EXTRANJEROS

La exposición permanente más grande en Galicia de libros para la enseñanza de idiomas.

Todas las novedades de las más importantes editoriales dentro de la rama de inglés para extranjeros.

TAMBÉN VIDEOS, CASSETTES Y CINTAS

CURSOS DE INFORMATICA

VISITENOS EN: General Franco, 155 - Bajo

Telefono 231425

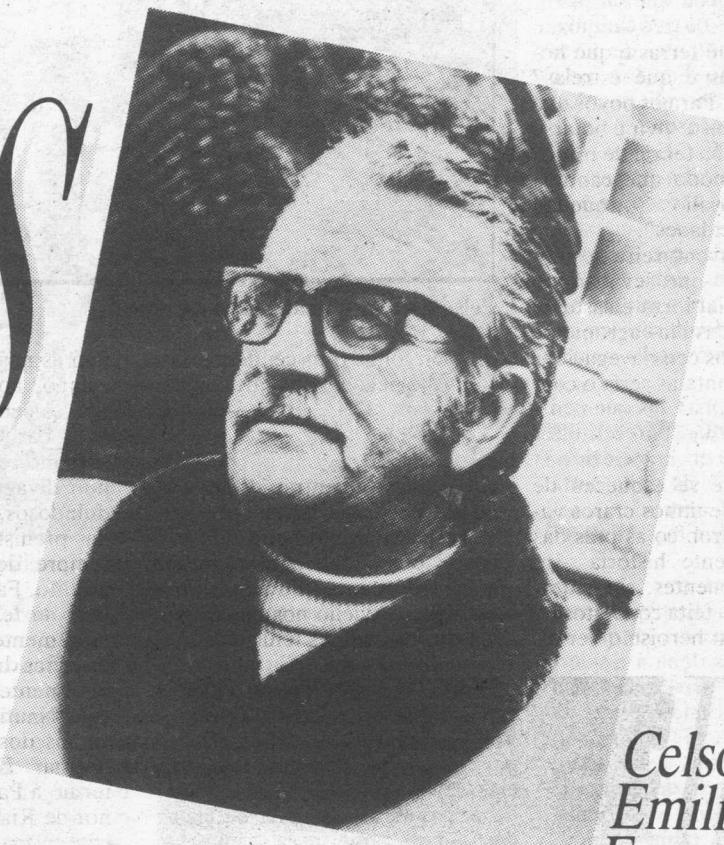
Tódolos días son

DÍA DAS LETRAS GALEGAS

Tódolos días son días das letras galegas para a Consellería de Cultura. As axudas para editar, escribir, traducir, ilustrar, así como á creación de bibliotecas, ó apoio ós libreros, os programas para fomenta-la lectura entre os más novos e a catalogación dos nosos fondos bibliográficos son accións, entre outras, coas que contribuimos a facer un país máis culto e máis libre. Un país que coñea, lea e ame os seus libros.

Agora, arredor do 17 de maio, o Día das Letras que este ano adicamos ó poeta Celso Emilio Ferreiro, a Consellería de Cultura invita ós galegos ó encontro co grande escritor nacido onde o mundo se chama Celanova. Para elo, impulsamos e organizamos iniciativas que se desenvolven ó longo de todo o ano. Iniciativas como as conmemoracións adicadas a Celso Emilio en colaboración cos Ateneos de Galicia, por exemplo. Ou un disco con cancións nacidas dos seus poemas, o libro "Celso Emilio para os nenos" e un concurso infantil para interesar ós rapaces na figura e obra do poeta. E a xira da obra teatral "Eu, Gulliver Ferreiro". Tamén un premio periodístico, un ciclo de conferencias, unha exposición fotográfica, un audiovisual... e dous libros divulgativos sobre a vida e a lírica de Celso Emilio Ferreiro.

17 de maio. En memoria de Celso Emilio, en memoria do home e do creador tan fonda e honestamente comprometido con Galicia, co seu idioma e co seu futuro.



Celso
Emilio
Ferreiro

**XUNTA
DE GALICIA**
CONSELLERIA DE CULTURA
E DEPORTES

Recordo político de Celso Emilio Ferreiro

■ CELSO MONTERO

Eu coñecía a Celso Emilio Ferreiro pola lectura dos seus libros, sobre todo "Longa noite de pedra" e "O sono sulagado". Pero non o coñecín persoalmente deixa a campaña electoral de xuño de 1977, na que formamos parte xuntos da Candidatura Democrática Galega para o Senado.

Dende entón, nos dous anos e pico que lle quedaron de vida, cadrou-nos de conversar non poucas vellas, sempre por motivos políticos.

A Candidatura Democrática alega xurdíu do desexo das forzas progresistas de Galicia de impedir que nas eleccións para o Senado trunfase unha dereita que a nós apareciamos como mestura de conservadurismo e nostalxía do franquismo.

Esto foi o que nos fixo por de acordo a seis partidos progresistas e de esquerda, dende os democristianos de Ruiz Ximénez ata os ultraesquerdistas do MCG, pasando polo PSOE e outros. Debíamos integrar tamén persoalidades independentes, polo que os conxuntados nos comprometiamos a non meter máis dun candidato por partido. Pero cadrou que na provincia de Ourense os tres candidatos fomos representantes de partidos: Celso Emilio Ferreiro polo PSG, no que entón militaba, Xesús Docampo Mosquera polo MCG, e eu polo PSOE.

Celso Emilio estaba naquel intre empregado no Ateneo de Madrid, e participou pouco na campaña. Creo recordar que estivo en Ourense sementes unha semán. Tomou parte en varios mitins, nos que recitou un poema satírico cecás il diría "belixerante" - contra dos caciques.

Nas conversas privadas que con él tiven naqueles días, pareceu-me bastante confiado en sair electo, e que incluso lle facía unha certa ilusión trocar polo exercicio de senador o traballo que facía no Ateneo de Madrid.

O domingo anterior ás eleccións, o xornal "El País" publicou unha sondaxe electoral, no que en Ourense somentes daba á esquerda un senador na persoa de Celso Emilio Ferreiro. Cando, encol da media noite do día 15, confirmado xa po-lo reconto nas urnas que o electo pola minoría de esquerda era eu, chamaron-me os xornalistas para recabar a miña opinión. Fun totalmente sinceiro decindolles que, "se as urnas fosen garantía automática de xusticia, o lóxico tería sido que fose electo Celso Emilio Ferreiro", pois era con moito o que máis méritos tiña.

Compromiso e siglas

Polo demais, a Candidatura De-

mocrática só conqueriá en Galicia sacar tres senadores dun total de 16. Manuel Iglesias Corral por A Coruña, Valentín Paz Andrade, por Pontevedra; Celso Montero Rodríguez, por Ourense e ningún por Lugo. Esta primeira experiencia política mostraba-nos á esquerda en xeral, recién saída da clandestinidad, que para ganar as eleccións non era suficiente con ter boa vontade e un antifranquismo probado.

Mais, cada partido de esquerda fixo tamén a súa propia reflexión, tomado como base, entre outros datos, os votos acadados por separado para o Congreso dos Deputados. En tanto ó PSOE, acababa de comprobar que os seus votos

foran, con moita diferencia, a maior aportación á Candidatura Democrática Galega, o que o configuraba deixa o futuro, ei奎 e en toda España, como o eixo encol do que xiraría calquer alternativa política progresista. Por outra banda, ganar as eleccións en Galicia ía ser unha tarefa longa, paciente e costa arriba.

Penso que foron reflexións sellantes ás nosas as que levaron a Celso Emilio Ferreiro a pasar, nos meses seguintes, a militar no PSOE. Concretamente na agrupación de Vigo, a pesares de seguir viviendo en Madrid.

Dende entón coincidimos en varias xuntanzas internas de trabalho, sobre todo nas xornadas que organizamos para discutir o proxecto do noso partido para o Estado de Galicia.

O felicita-lo e decir-le que nos sentiamos moi honrados con el no noso partido, foi cando me expresou o seu convencimento de que apoiar un proxecto de esquerda nese momento identificaba-se, tamén ei奎 en Galicia, con apoiar ó PSOE.

Participación activa

Con motivo das eleccións seguintes, de 1979, tivemos un problema interno no partido, con amplia resonancia na prensa, que desembocou no abandono do segredario xeral de Galicia, Modesto Seara. Eu chamei entón a Madrid a Celso Emilio, propondo-lle formar parte da nosa candidatura para o Senado por Ourense.

El pareceu dudar un momento, pero logo non aceptou, aducindo que as informacions que el recibía de Galicia eran que o partido ei奎 estaba desfeito e non íamos sacar nada.

A verdade é que naquelas eleccións os socialistas pasamos de dobrar o número de parlamentarios galegos, e no mesmo Ourense non só mantivemos o senador que xa tiñamos senón que, por primeira vez, sacamos un deputado.

De todo-lós xeitos, costa-me que Celso Emilio participou activamente naquela campaña revisando en Madrid os textos dos cartéis que a Comisión Executiva Federal mandou imprimir en galego. E certos pseudopuristas que logo ei奎 criticaron públicamente a lingua que disses textos, non tiñan nin idea da auoridade lingüística de quen os revisara.

A verdade é que Celso Emilio por entón non tiña nada de dogmático en política. Sabía distinguir perfectamente entre as leis da comunicación de masas, que hai que empregar nunha campaña electoral, e a pura ortodoxia académico-gramatical.

Ainda que nos sentímos sempre honrados de ter a Celso Emilio como compaño de militancia política nos derradeiros anos da súa vida, os militantes do PSOE que tiñamos lido os seus libros fomos igualmente conscientes de que era xa patrimonio de toda Galicia.

A sua personalidade, por suposto literaria pero incluso política no senso xeral do termo, sobrepasaba

as siglas de calquier partido. As diversas siglas políticas baixo as que militou ó longo da súa vida -primeiro no Partido Galeguista, más tarde coido que na UPG, logo no PSG e finalmente no PSOE- non foron senón busca de eficiencia no seu incansábel compromiso con Galicia.

Voceiro do seu tempo

A meirande efectividade política de Celso Emilio Ferreiro está no constante e fondo compromiso con seu mundo e a súa terra, expresando a través dos seus poemas. El definía o "oficio" de poeta como o de "saber interpretar" o tempo que lle tocou vivir "e ser o seu voceiro". En "mergullarse con desesperado esforzo no mundo social da nosa terra, nos problemas vivos do noso tempo, nas angústias das nosas xentes". É el, como xustamente valora Xesús Alonso Montero, aparece en "Longa noite de pedra" como "o primeiro poeta de Galicia e unha das voces más reveladoras do noso tempo".

Unha Galicia que Celso Emilio, como nacido e criado no interior ("Onde o mundo se chama Celanova"), viu principalmente como pobo de campesinos e emigrantes. E como home que optou por estar ó lado dos que sofren a historia antes que dos que a escriben, Celso Emilio Ferreiro, bilingüe como todo-lós galegos con estudios, optou asemade por escribir en galego para estar "perto dos homes bos que sofren longo / unha historia contada noutra lingua".



Derradeira foto tomada ao poeta, xunto a familiares, en Venezuela, cando ía coller o barco de volta á Terra.

IMPRENTA
Rajío
ADOLFO

EMILIA PARDO BAZAN, 62 Tlf: 239199 Ourense

O acerto da memoria

■ BALBINO ÁLVAREZ RODRÍGUEZ

Poesía "belixerante" era o sobrenome que Celso Emilio Ferreiro gustaba de aplicar ó que, de modo xeral, a crítica literaria denominaba como "poesía social". Frente a ésta, achaba que a súa obra se viña entroncar con certa veta de denuncia da poesía popular galega, así como a poesía satírica popular e culta. Da súa dedicación e entrega solidaria a cuestións sociais e políticas, xorde a profunda autenticidade da súa

A experiencia na cadea e a represión política na mocidade, pola súa militancia nun galeguismo de esquerdas, marcan este camiño, que leva a Celso Emilio a una velente actitude de enfrentamento, máis notoria en canto que a difusión da súa obra acadou dimensións universais.

É precisamente na súa actitude, no afán revulsivo, que dirixe a maior parte da súa poesía, ademais doutros escritos circunstanciais no correr dos anos, onde reside a autenticidade da súa mensaxe e do seu testemuño poético, labrado sobre vindicacións espontáneas.

Proba da súa autenticidade era a adscrición que de si facía ó pobo máis humilde (o campesiño na era dos "sputniks"), á súa problemática viva.

Concienciador crítico

Testemuñalmente, o poeta tratou de cumplir o papel de concienciador crítico dunha sociedade marxinada, e a súa creación entronca co rasgo esencial de toda poesía social, onde a mensaxe ou a denuncia, prima sobre os fins estéticos.

Aínda que estes non foron desprezados, moi ó contrario, hai un

dominio técnico do verso e a estructura da composición ágil e equilibrada; tremendo efectista, así como unha corrente de imaxes poderosas, integradas nun discurso ordenado.

A actitude descrita é a que sinala a composición do extraordinario libro titulado "Longa noite de pedra".

Publicado no ano 1962, forma parte de toda a súa fonda experiencia vital, dende os tempos das inquietanzas políticas da mocidade, ata os anos anteriores ó seu exilio.

Sen embargo, non se pode tratar marxinalmente, como ata agora se viña facendo, outras vetas da súa creación poética, que non necesariamente entroncan co seu discurso social, pero que expresan a varia personalidade do creador, de acordo cos seus acontecementos vitais, tan parellos á súa experiencia literaria.

Realidade irónica

En "O soño sulagado" (1954) e "Onde o mundo se chama Celanova" están representadas, en parte, a vea lírica e sentimental do poeta, revelada polo sentimento amoroso e a nostalxia; así como outro aspecto importante, como é a obser-

vación irónica da realidade. Entre ambas, sitúase o corpo fundamental da súa creación poética, que inclúe o "exilio interior" da experiencia americana (1966-73), intermedio de desencanto, da que é producto a sátira de "Viaxe ao país dos ananos" (1968), reprobadora do falso mito da Galicia de Ultramar; "Terra de ningures" (1969), composto por estampas da emigración e a melancolia da paisaxe real e íntima que abandona; e o conxunto de relatos de "A fronteira infinita" (1972), que mostran ó extraordinario narrador oral que era.

A publicación de "Antipoemas", en traducción ó castelán, ante as prohibicións gubernamentais á súa lingua orixinal, é a mellor proba das circunstancias polas que atravesou ó longo da súa vida Celso Emilio.

Recoñecemento

Adicarlle o Día das Letras Galegas do presenta ano e, a través del, reivindicar a auténtica memoria do home, non pode senón contribuir a abri-las portas á extensión da súa mensaxe poética, afinal latente entre nós, e servir de agradecida homenaxe á súa obra universal.



Celso Emilio, nun acto cultural en Venezuela.

OPOSICIONES

AUXILIARES ADMINISTRATIVOS – CUERPO GESTIÓN

CÁLCULO, CONTABILIDAD, MECANOGRAFIA, TAQUIGRAFIA, INFORMATICA,
SECRETARIADO Y FORMACION PROFESIONAL 1º GRADO

CONVENIO PLENO

ACADEMIA A. QUINTELA
Gral Franco, 100. Telef. 242704. Ourense



Praza Maior 11,
Telf. 22 2188

ACADEMIA

R / J / Orbán

- **preparación DERECHO para la UNED.**
- **oposiciones al C.N. Policía y Auxiliares Justicia.**

G. Franco, 149-1.º Dcha. - Telf. 234296
32005 - ORENSE



**Colegio
Concepción Arenal**

B.U.P. - C.O.U. (MIXTOS)

internado femenino media pensión

Carretera de Santiago, Km. 244

MALVEDO - COLES - ORENSE

Teléfono 20 90 17

Na vila de Celso Emilio, un local para as Letras

■ AFONSO VÁZQUEZ-MONXARDÍN FERNÁNDEZ



Curiosa fotografía de Celso Emilio Ferreiro.

Nestes últimos tempos –dun par de anos para aquí– vénelles falando regularmente en determinados ambientes e mesmo neste xornal, da necesidade de acomete-la restauración da cas do poeta Curros Enríquez para convertila en Casa Museo dos poetas e escritores da comarca de Celanova. Coido eu que sen dúbida, é unha decisión acertadísima a de irmos recuperando o noso patrimonio histórico tanto físico coma intelectual de xeito progresivo para que sexa unha – e só unha –

Hai que ter en conta que problemas derivados da ocupación parcial por parte duns propietarios e do seu desexo de especular con factor sentimental da casa, impidiron de momento calquera acción física sobre a mesma.

A casa de Curros

Penso meus señores, e permítanme modestamente disintir, que lle estamos dando importancia de más ó feito de que tal edificio fose habitado durante un tempo –pois seica non é a súa casa de nacemento, só paterna, con quen se levaba tan mal, por certo – por tan ilustre escritor. A casa como tal construcción non ten alá moitos méritos, pesar da súa fermosa horta, e pequena, incómoda, de escaleiras moi pinas e está en moi mal estado. E non debemos esquece-lo grave problema da súa ocupación parcial e as altas contraprestacións económicas que levaría o seu desaloxo polas boas.

Proceder a unha expropiación, por moi bo fin que se persiga, é sempre unha forma traumática e impopular de comenzar un labor cultural para o que hai que unir tódolos esforzos. Non pode haber fisuras na opinión pública.

De vivir Curros, ¿Con quen estaría, cos expropiadores ou cos expropiados? Eu non lle sei, pero teño a miña idea.

Se candra para o desenvolvemento das actividades que se pretende facer coa tal casa, sería mellor pensar na conveniencia de buscar unha ubicación alternativa que acollese a mesma idea, é dicir baixo a éida do grande poeta social de fins do XIX, o resto –Castor Elices, Celso Emilio Ferreiro, Méndez Ferrín, e os que xurdidos escritores vencellados á terra de Celanova, e que tal recuperación non sexa arqueoloxista nin lacrimóxena ou esmorecente, senón poxeñadas ós tempos que están por vir mediante todo tipo de actividades e intervencións no seo da comunidade que os acolle.

Penso eu que dados os problemas todos que hai coa casa, se candra era mellor investi-lo diñeiro más rentablemente enreutilizar outro lugar. Vou citar dous, pode que haxa máis.

O Mosteiro

Cando pensamos en Celanova pensamos nun gran Mosteiro que enche unha praza. E non é que o resto non nos interese, o Mosteiro identifica á vila como a Torre Eiffel a París ou como o Kremlin a Moscú. E ó redor desa inmensa Praza Maior de paseo señorial de domingo ou de later labrego e popular nos días de mercado, organízanse as Prazas do Millo e as Rúas de Arriba e de Abaixo, que nunca poideron desenvolverse libremente a ta a desaparición do poder terrenal do Mosteiro.

As obras de restauración que se levan a cabo desde hai tempo nel continuarán pola importancia propia do edificio.

¿Por qué non ubicar a Casa dos Poetas neste edificio tan visitado e con necesidade dunha actividade que será o seguro do seu futuro?

E teríamos un sitio sen gastar cartos. Cartos públicos que permitirían darlle unha auténtica vida posterior á restauración. O importante non é crear institucións, senón encherlas de contido e actividade.

Co diñeiro que custaría comprar e restaura-la chamada "Casa de Curros", habería para pagarlle a un dinamizador cultural durante varios anos.

¿Cómo vería Curros o tema? Pode que como unha victoria sobre os cregos decimonónicos. ¿Que mellor victoria que ocuparle-la casa? Se candra o entendía como unha condena, maior ou menor que metelo na casa do país que lle tirou aquel braseiro ardendo pola cabeza cando tiña quince anos?

Vai ti ver.

A Torre de Vilanova

Xa que Curros é un poeta cívico e social, falemos dun edificio civil que na zona representa a liberdade de realengo frente ó poder dos cregos. A Torre de Vilanova. Dicir Vilanova e dicir Celanova hoxe é o mesmo. Antano eran o contra-

dias bases sobre as que construi-lo noso futuro. Isto é especialmente agradable de dicir cando estamos falando dunha vila cunha intensa tradición cultural como é esta, e que goza de inmellorables condicións para una proxeción futura no caso de que os poderes públicos presten o seu interese. As xentes activas e preocupadas pola cultura en Celanova conseguiron xa numerosas e importantes adhesións para a súa idea de restauraren tal edificio.

rio, a vida laica organizada concéntrica e defensivamente en torno ó seu castelo como contrapunto a unha Celanova aferrollada baixo o poder dun Mosteiro sobredimensionado.

Hoxe o poboamento vaise densificando entre os dous centros e está xa gozando e sufrindo a mesma historia. A longa historia medieval da torre remata no século XIX sendo sede do Concello de Vilanova ata que este foi fusionado co de Celanova. A súa propiedade segue sendo pública e, sinceramente penso que o seu propietario actual, o Estado, non sabe ben que facer con ela.

Ata hai pouco ensaiou ali a banda de música do lugar. Hoxe os únicos usuarios habituals da pequena fortaleza son as curuxas... ¿Por qué non aquí? ¿Non escribiu Curros un fermoso poema sobre unha lenda do lugar?, ¿non estaba el vinculado a Vilanova do mesmo xeito ca a Celanova?. A torre é pequena, certo, pero para as actividades públicas temos xa un magnífico auditorio no Mosteiro.

Imaxino unha torre restaurada con varios pisos interiores onde se recollese a heranza cultural de que vimos falando e tamén, ¿por qué non?, algún material arqueolóxico e uns paneis permanentes sobre o Castromao, as capelas mozárabes e a evolución das vilas.

Imaxino eu a grupos de escolares visitando a Torre como introducción ás súas excursións por estas terras e ollando a fermosa paisaxe do val desde a cima dela.

Celanova e a cultura

O futuro cultural de Celanova debe vencellarse en boa medida ó de Ourense capital.

Podería ser Celanova, por exemplo, un centro de encontros, seminarios, congresos, etc. durante os veráns se se restaurase parte do Mosteiro a tal fin, ou mesmo se se utilizase cunha función dobre, residencia de estudiantes de ensino medio durante o curso e alternativamente nas vacacións para este tipo de reunións.

Celanova ten méritos suficientes para se-la vila cultural de Ourense, e a capital rectora dunha comarca que chega ata a raia polo sur. Hoxe coa mellora das comunicacions, estamos aproximando os dous sitios, e inda se han achegar máis.

A chamada casa de Curros non lle é a de Rosalía, esta última tan vistosa arquitectónicamente e tan vencellada ós últimos anos da súa vida, é unha auténtica mostra de casa grande e boa de aldea.

A casa de Curros non é un Pazo como o de Trasalba onde o vello Don Ramón ocupaba cátedra do galeguismo nos días negros da Longa Noite de Pedra.

Xa para rematar, non creo que por moito esforzo que se lle adique á casa de Celanova chegue nunca a ter tal entidade. Se candra éralles máis digno competidor amistoso, o Mosteiro, reconquistado cívicamente, ou mesmo a señorial Torre de Vilanova.

TELEFAX

para Ud.

NUEVO SERVICIO DE La Región

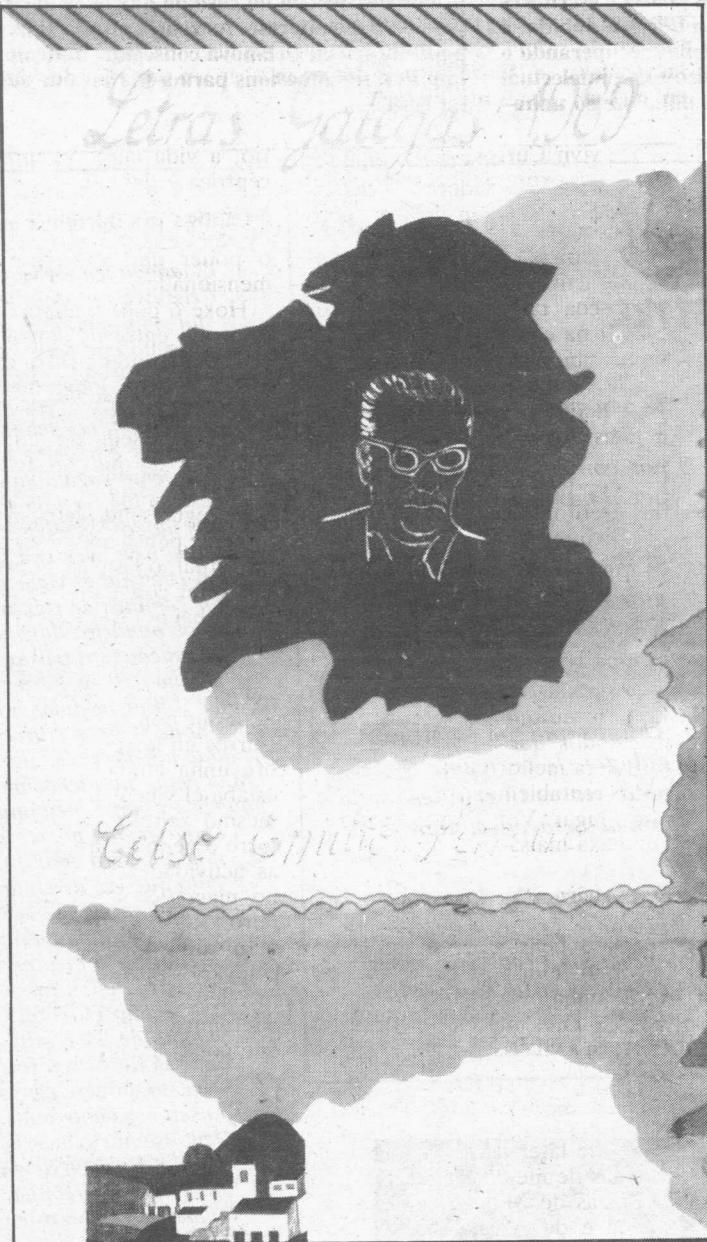
Si quiere enviar o recibir toda clase de texto o documento desde cualquier parte de ESPAÑA o del , pase por el nuevo servicio de TELEFAX de nuestra librería. En pocos segundos y por un precio algo superior al de una fotocopia, verá resuelto su problema

La Región

Calvo Sotelo, 15

CONCELLO DE OURENSE

Letras Galegas 1.989



Saúdo do alcalde

O Concello de Ourense conmemora este ano, dunha forma especial, o Día das Letras Galegas, adicado felizmente, pola Real Academia Galega, o noso gran poeta Celso Emilio Ferreiro.

Non me cabe a miñ facervos unha semblaña do poeta da nosa época, o que estou seguro que farán os ilustre conferenciantes, que ó longo da semana que organiza a Concellería de Cultura, versarán non só sobre a vida e obra de Celso Emilio Ferreiro, senón tamén daqueles que durante os últimos tempos cultivaron a nosa lingua, legándonos un rico patrimonio cultural.

O programa de actos ofrecidos para conmemorar estas datas, desenrolase cun amplio abanico de actividades culturais, que sen dúbida, obterán o benéplacito de todos os ourensáns.

Como Alcalde espero a vosa participación e colaboración para o mellor éxito dos actos, que no poño en dúbida agradarán a todos.

MANUEL VEIGA POMBO
Alcalde de Ourense

Saúdo do concelleiro

Galicia adica o 17 de maio a celebra-lo Día das Letras Galegas, na conmemoración non só da nosa lingua senón tamén en memoria daquela insignie poetisa que con tanto amor a cultivou: Rosalía de Castro.

Este ano e con bo criterio, este día adícase a outro gran poeta, o noso querido Celso Emilio Ferreiro quen, coa profundidade da súa poesía deu o mellor da súa alma a nosa terra.

Celso Emilio Ferreiro, o poeta do noso tempo, oriundo da terra cun día vira nacer ó inmortal Curros Enríquez, forma parte de todo o noso acervo cultural posterior á Xeneración Nos. Recuperou para o noso país o que un día escomenzaron aquel grupo de homes; a expresión poética das entrañas da nosa lingua cun afán de triunfo polos valores humanos.

Ourense, capital da provincia que o viu nacer e onde ó longo dos anos labrou a súa expresión lírica, non pode estar ausente desta conmemoración, polo que representan aqueles homes e mulleres que durante a súa vida deixáronnos o seu saber e as súas inquietudes na mais fértil e fermosa expresión literaria.

Por eles e por todo olo, o Concello de Ourense, quere estar presente durante unha semana en todos os medios que contactan co pobo, co obxecto de estar máis preto do seu legado poético e literario.

Unha semana adicada ás actividades que poidan identificarse coa nosa más rica expresión: a lingua. Actividades que recollerán unha serie de conferencias de personalidades das letras galegas; concertos musicais e cantos de coral reflexo abundante das nosas costumes; concursos, recitais, actos deportivos e lúdicos que non poñemos en dúbida, farán da semana un período de reflexión de todo canto significa a nosa cultura.

Coa esperanza, de haber atinado na elaboración deste programa, ofrézollelo a cantos de verdade sintan e queiran esta terra.

BALBINO ALVAREZ RODRIGUEZ
Concilleiro de Cultura

PROGRAMA DE ACTOS

LUNS, DIA 15

20.00 horas. Conferencia do poeta Manuel María sobre "Celso Emilio Ferreiro".

Lugar: Caixa Galicia, Rúa do Paseo.

21.00 horas. Actuación do Cuarteto "Emsemble Argentum" (violín, viola e violonchelo).

Lugar: Liceo Recreo Ourense, Rúa Lamas Carvajal, 9.

MARTES, DIA 16

21.00 horas. Concerto do duo flauta e piano; a cargo dos profesores do Conservatorio de Ourense Carlos Núñez e Carlos Iglesias.

Lugar: Caixa Galicia, Rúa do Paseo.

21.30 horas. Recital a cargo da "Aula Abierta de Teatro" dependente do Estudio de Artes Escénicas, baixo a dirección de María Luz Villar,

con poemas de Celso Emilio Ferreiro.

20.30 horas. Concerto da Banda de Música Municipal de Ourense, baixo a dirección de Sexismundo Fernández.

Lugar: Liceo Recreo Ourense, Rúa Lamas Carvajal, 9.

XOVES, DIA 18

19.00 horas. Gran trofeo "Celso Emilio Ferreiro" de fútbol, disputado entre o Spórtинг de Celanova e o Atlético Ourense.

Lugar: Pavillón Municipal dos Remedios de Ourense.

20.00 horas. Conferencia do catedrático Xosé Manuel Salgado sobre "Celso Emilio Ferreiro: a prosa dun poeta".

Lugar: Caixa Galicia, Rúa do Paseo.

21.00 horas. Recital poético a cargo de Abelardo P. Gabriel con poemas de Celso Emilio Ferreiro.

Lugar: Pavillón Municipal dos Remedios de Ourense.

Lugar: Caixa Galicia, Rúa do Paseo.

21.15 horas. Actuación da Coral Polifónica Solpor de Celanova.

Lugar: Caixa Galicia, Rúa do Paseo.

MIERCOLES, DIA 17

11.00 horas. Entrega do Premio de Poesía "Cidade de Ourense".

Lugar: Salón do Concello, Praza Maior.

11.30 horas. Entrega de premios sobre da vida e obra de Celso Emilio Ferreiro.

12.00 horas. Inauguración dunha rúa adicada a Celso Emilio Ferreiro.

19.30 horas. Encontro de baloncesto feminino xuvenil trofeo "Celso Emilio Ferreiro", entre os equipos de Celanova e pavillón Ourense.

Lugar: Pavillón Municipal dos Remedios de Ourense.

20.00 horas. Conferencia

do catedrático de universidade Antón Risco sobre "O tema da emigración na poesía de Celso Emilio Ferreiro".

Lugar: Caixa Galicia, Rúa do Paseo.

Ianova, baixo a dirección de Arsenio Araújo.

Lugar: Liceo Recreo Ourense, Rúa Lamas Carvajal, 9.

VENRES, DIA 19

20.00 horas. Conferencia do escritor e catedrático Xosé Luis Méndez Ferrín, sobre "O comportamento político de Celso Emilio Ferreiro".

Lugar: Caixa Galicia, Rúa do Paseo.

21.00 horas. Recital poético-musical a cargo do grupo "Rúa Viva", baixo a dirección de Manuel Vidal, con poemas de Celso Emilio Ferreiro.

Lugar: Caixa Galicia, Rúa do Paseo.

21.15 horas. Concreto da agrupación vocal "Ultreia" baixo a dirección de Vicente Couceiro cun repertorio que abarcará desde o Antifonal Os Oito Modos Gregorianos, Cancións do Códice Calixtino e o Códice das Huelgas.

Lugar: Liceo Recreo Ourense, Rúa Lamas Carvajal, 9.

SABADO, DIA 20

20.00 horas. Actuación da "Orquesta de Cámara de Sofía" baixo a dirección de Tsankó Delivozov.

Lugar: Liceo Recreo Ourense, Rúa Lamas Carvajal, 9.

EXPOSICION: "Celso Emilio Ferreiro", sobre a súa vida e obra, dende o dia 29 de maio ata o 7 de xunio. Pola Consellería de Cultura e Deportes, Dirección Xeral de Política Lingüística.

Lugar: Museo Municipal, Rúa Lepanto, 6.

Celso Emilio Ferreiro

CONCELLERIA DE CULTURA

Versos para cantar, poesías para pensar, diversión para todos

Os textos de Celso Emilio Ferreiro foron solicitados, con frecuencia, por un elevado número de cantantes individuais e por algúns grupos. Discos gravados en Barcelona, Madrid, Caracas, Galicia... Todo comenzou —explica Xesús Alonso Montero no seu estudio sobre o poeta, editado por “Ediciones Júcar”— en 1968 con sendos discos de Xavier (as catro cancións de Celso Emilio) e de Benedicto, lanzados por Edisa en Barcelona. Dende entón textos do poeta de Cela-nova son relevantes en discos, entre outros, de Xoán Rubia; Miro Casabella; grupo Falsterbo, de Barcelona; Xulio For-

moso; Luis Emilio Batallán; Xerardo Moscoso, Amancio Prada; "Fuxan Os Ventos"; o grupo "Mareira"; "Los Tamara"; Suso Vaamonde... Nalgunhas destas voces, textos de Ferreiro aparecen en dous ou tres discos, e nalgún caso o disco completo son poemas do noso autor, como é o caso do último citado. Celso Emilio tamén foi cantado, dende os primeiros momentos, por persoas que non chegaron a gravar, como é o caso de Antón Campelo. Un bo número de composicións de "Longa Noite de Pedra" foron musicadas por Sergio Aschero, interpretáronse cantadas en moitos

recitais polo dúo "Aschero" (Segio e Angeles). Deste libro hai dous poemas, "María Soliña" e "monólogo do vello traballador", que orixinaron máis de catro versións musicais. Tal como indica Manoel Lombao no prólogo do disco "7 anos da canción galega", editado por "Ruada" en 1979, "o poeta fundamental do Movemento Popular da Canción Galega, que nace coa desaparición de 'Voces Ceibes' (1975), foi Celso Emilio Ferreiro. Os libros 'Longa Noite de Pedra' e 'Viaxe ao país dos ananos' foron por riba dos outros, os máis musicados".

- Velaí alguns dos poemas musicados: -

María Soliña

*Polos camiños de Cangas
a voz do vento xemía;
Ai que soliña quedache,
 María Soliña.*

*Nos areaes de Cangas
muros de noite se ergúian:
Ai que soliña quedache,
 María Soliña.*

*As ondas do mar de Cangas
soños de medo tecían,
Ai que soliña quedache,
 María Soliña.*

*Baixo os tellados dē Cangas,
anda un terror de auga fría:
Ai que soliña quedache,
 María Soliña.*

Limiar

*A xeito de S.O.S.
falo na madrugada;
pechai tódalas portas
e que xa ninguén saia.
Sin a seiva nutricia
escorecen as gallas.
Arbre antigo, Galicia,
fendérono as machadas.
Unha ponla no mundo,
outra ponla na casa.
a ponla do alén mar
é soio unha metáfora.
O povo quere terra
como Anteo na fábula.
A Terra quere povo
para ser fecundada.
Nunca virá de fora
remedio ou esperanza.
Si o noso povo morre
quedámonos sin Patria,
pois Patria e Povo son
o mesmo en duas palabras.
Pechai tódalas portas
e que ninguén saia.*

Moraima

*Cando quero vivir
digo Moraima.
Digo Moraima
cando semento a espranza.
Digo Moraima
e ponse azul a alba.
Cando quero soñar
digo Moraima.
Digo Moraima
cando a noite é pechada.
Digo Moraima
e ponse a luz en marcha.
Cando quero chorar
digo Moraima.
Digo Moraima
cando a anguria me abala.
Digo Moraima
e ponse a mar en calma.
Cando quero surrir
digo Moraima.
Digo Moraima
cando a mañá é crara.
Digo Moraima
e ponse a tarde mansa.
Cando quero morrer
non digo nada.
E mátame o silencio
de non decir Moraima.*

*Amigos que me escoitades,
galegos de corazón,
votantes que votar vades
prestaíme moita atención.*

Chámanse Abuso, Cadea, Ladroízo, Corrupción, Sinvergonza, Patulea, Soborno, Persecución.

*Teñen por patria a mentira,
a pistola por razón,
por convencimiento a ira,
por doutriña o paredón.*

*Anda solta pola Terra,
con motivo da eleución,
unha gavilla gamberra
de triste recordación.*

**Chámanse Trampa, Matesa,
Campo de Concentración,
Medo, Terror, Can de Presa,
Tortura, Especulación.**

*Son os mismos que nos dieron
coarenta años de opresión,
os mismos que convertieron
as Españas en prisión.*

*Apelidáñase Feixismo,
As Encrobas, Represión,
Castrelos, Imperialismo,
Xove, Contaminación.*

*Vou a decirvos os nomes
pra que sepades quén son
os que foron lobis-homes
i hoxe piden votación.*

*Alcúmanse Sangue, Guerra,
Falsedade, Emigración,
Aldraxe da nosa Terra,
Asoballo, Delación.*

Romance para pedir o voto para a Candidatura Democrática Galega (1977).



Irmaus

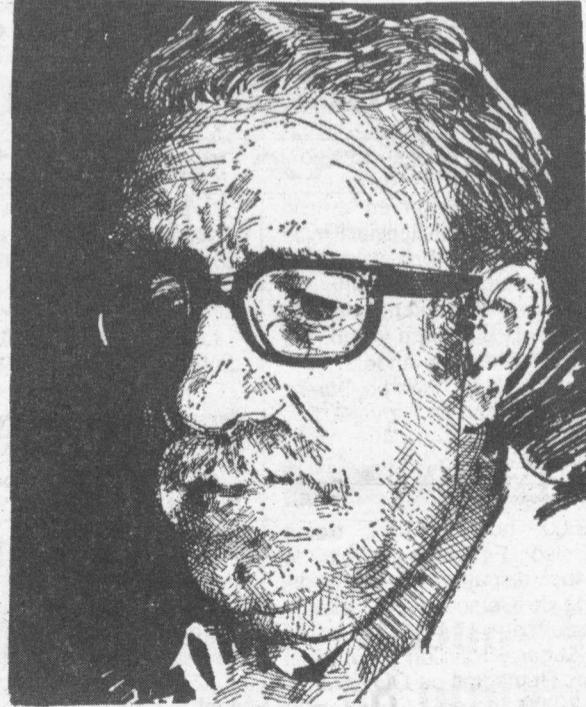
Camiñan ó meu rente moitos homes.
Non os coñezo. Sonme estranos.
Pero a tí que te alcontras alá lonxe,
máis alá dos desertos e dos lagos,
mais alá das sabanas e das illas,
coma a un irmau che falo.

Si é túa a miña noite,
si choran os meus ollos o teu pranto,
si os nosos soños son iguais,
coma a un irmau che falo.

Anque as nosas palabras sexan distintas
e ti negro i eu branco,
eu tendo semellantes as feridas,
coma a un irmau che falo.

Común témo-la Patria,
común a loita ambos,
a miña mau che dou,
coma a un irmau che falo.

Se sientes en probeza,
se sofres inxusticia,
se cheo de rabexa
encirras á cobiza
do teu peito o can
pra ti chea de forza
vai miña mau, irmán.



Veño

*Si veño desde a vida é porque teño
unha lembranza de pavura e guerra
dun soños de espranzas nunha terra
que ven da mesma terra de onde eu veño.

Ao vago rumbo de vivir me ateño
e busco un río azul de augas sereñas
con mestos vidueiros, con aceas
que ancio sin cesar e nunca outeinho.

Non sei si son feliz ou desgraciado,
nin tampouco si estou ledo ou tristezo.
Soio sei que me sinto un estranxeiro,
un home de cotío desterrado
a un remoto país fermoso e triste
que ainda non sei si de verdade existe.*



Requiem

Paco Pixiñas, zorro confeso
fuche en carroza pra o cimenteiro.
Tanto rillar na carne de cocho
tanto rillar, matoute un arrouto.
Un torozón finou cos teus días
como te alcontras Paco Pixiñas.
Púnache os cornos seica a parenta,
síguechos pondo postmortem, seica.
Das malas lingoas non fagas precio,
durme tranquilo no teu sartego.
Vendiche vento, vendiche leria,
todo vendiches menos decencia.
Todo ten precio, todo se compra,
todo se vende, menos vergonza.
Diñeiro podre non fai mercede
alma mezquina, todo empodrece.
Cómo che vai cariña de antroido,
tanto afollar pra agora estar morto.
A nosa Terra nada chedebe
nada lle importa que alá te quedes
dándolle estrume ó chan alleo
pois a Galicia sóbralle esterco.
Si fuxe povo, dil desertaches.
Paco Pixiñas, Requiescat In Pace.

Normalización lingüística no ensino

Celso Emilio Ferreiro

O MUNDO SE CHAMA CELANOVA"



maio: DIA DAS LETRAS GALEGAS 1989

respondente **avalación**. O tempo, as informacions e experiencias que en ámbitos lingüísticos semellantes ó rá a Administración, para a aplicación, implicar ás diversas **Administrativas**, coordinando o seu labor dirección. **Creemos que os Concellos chamados a xogar un importante papel en práctica do modelo.**

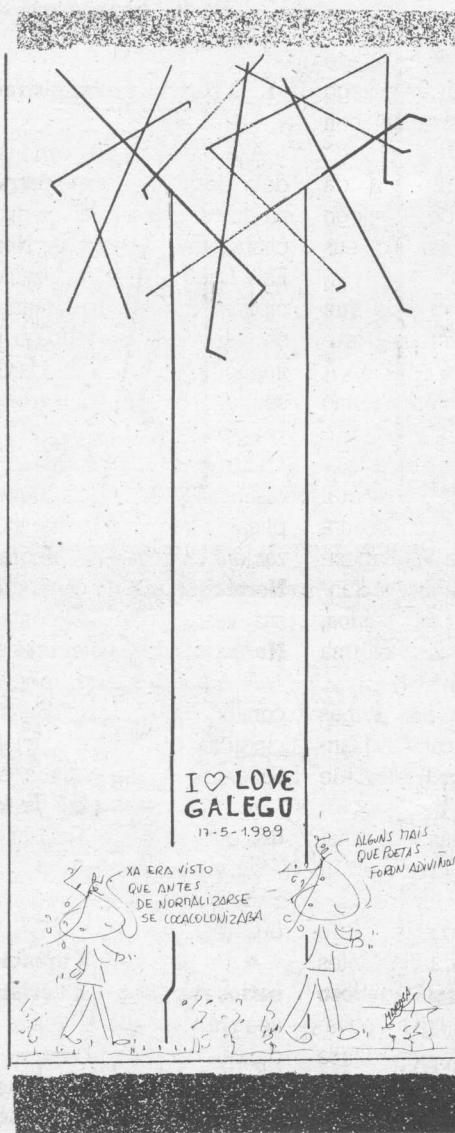
A aplicación do modelo nos nos da escolaridade

ción do modelo nestes anos pártese le que en cada Centro existe unha lingüística específica. O Equipo de en coordinación co Seminario de Seminario de Normalización do encargado de definir cal é esa realidade do Centro, en colaboración e educativa.

se elaborará un estudio sociolingüístico de novo ingreso no Centro.

latos obtidos nese estudio, o Equipo de en unión do Concello Escolar, é a estratexia a seguir no Centro indo os correspondentes obxectivos e características das actividades a curso, conformando así o correspondiente a **Normalización** (que formará parte do Centro).

en determinadas circunstancias, unha estratexia común para varios mesma zona, que teñan características moi semellantes. Aparece así a



posibilidade dun **Plan de Normalización de Zona** que, en calquera caso, respetaría sempre as particulares adaptacións a cada Centro concreto.

De calquera xeito, a estratexia que define cada Centro hai que entendela enmarcada non só nas grandes liñas definidas polo Modelo de Normalización aplicado, senón tamén polos grandes principios de carácter psicopedagóxico nos que se fundamenta.

Cinguindonos xa ás catro realidades sociolingüísticas que definimos con anterioridade, vemos que:

- Para os nenos e nenas do apartado A) **-galego falantes-** o ensino nestes anos debe **ser na súa lingua, cunha iniciación no castelán** (non se debe esquecer que estes nenos xa acadan unha aceptable competencia en castelán pola maioría presencia social do mesmo).
- Para os nenos e nenas do apartado B) **-castelán falantes-** cremos que no modelo caben dúas posibilidades: **ou ben recibi-lo ensino na súa lingua materna, cunha progresiva introducción da lingua galega, ou ben seguir un programa de inmersión que favoreza a súa competencia no galego.** A primeira opción parece recomendable sobre todo para aqueles nenos que teñan algún déficit cultural e lingüístico.

Non hai que esquecer, de todos xeitos, que corresponderá ás familias dos alumnos deste apartado B) decidir sobre unha ou outra opción. Porque convén lembrar que unha das premisas dos programas de inmersión é a valoración positiva do mesmo por parte da familia.

- Para os nenos e nenas dos apartados C) e D) **-castelán falantes aparentes,** nos dous casos- é evidente que, **dende o punto de vista psicopedagóxico, o ensino en galego se revela como o más**

aconsellable.

A última decisión, de calquera maneira, debe ser tomada pola comunidade educativa. Pero é nestes dous apartados onde se ve más necesario un labor pedagóxico previo por parte dos Equipos de Normalización, dirixido ós membros desa comunidade educativa (en especial ás familias), explicando a racionalidade e as vantaxes pedagóxicas dunha plena escolarización en galego.

3. A aplicación do modelo nos restantes anos da educación primaria

Para a aplicación do modelo nestes anos haberá que distinguir dous casos ben diferenciados:

- Os nenos e nenas que tiveron o ensino en galego nos primeiros anos, ben fose porque era a súa lingua "materna" ou ben porque, sendo castelán falantes, seguiron programas de inmersión durante os anos da Educación Primaria **consolidarse ese ensino en galego**, coa introducción sistemática do castelán.
- Os nenos e nenas que tiveron durante os primeiros anos un ensino que se desenvolveu en castelán cunha progresiva introducción no estudio do galego. Ainda que o castelán sega a ter importancia como lingua vehicular, **o galego será obxecto de estudio específico e usarase como lingua vehicular nun determinado número de materias.**

Este número de materias irase incrementando ó longo dos sucesivos cursos. Inda que non parece aconsellable delimita-lo número nin as características desas materias, si parece conveniente iniciaisúa introducción con **aquelhas materias máis ligadas á área de experiencias**, buscando unha meirande ligazón motivacional.

En calquera caso, non se debe esquecer, á hora de deseñar as estratexias normalizadoras para esta etapa, que ó remate da mesma (12 anos) débese estar xa en disposición de pasar á etapa na que o galego estea normalizado no ensino.

4. A aplicación do modelo na etapa secundaria obligatoria

Acadada xa na anterior etapa a competencia lingüística suficiente por todos os membros da comunidade educativa, de acordo coas estratexias que vimos de explicar, **nesta etapa o ensino desenvolverase totalmente en galego.**

Esta utilización do galego como lingua vehicular estará complementada polo estudio sistemático do castelán, que xoga un importante papel como lingua de relación.

Do mesmo xeito, o estudio da terceira lingua, que xa se iniciara nos dous últimos ciclos da Educación Primaria, vese reforzado neste último tramo do ensino obligatorio.

De todos xeitos, poderá ocorrer que ó chegar ó punto terminal definido (12 anos), haxa Centros nos que os alumnos non teñan unha competencia lingüística consolidada, que non sexa suficiente. Neses casos haberá que prever que, durante o primeiro ciclo da Secundaria Obligatoria (12-14 anos), o ensino se desenvolva utilizando como vehiculares as dúas linguas e reforzando progresivamente aquela das linguas na que haxa problemas de afianzamento (galego ou castelán).

Igualmente o Plan haberá de contemplar, segundo o modelo diversas estratexias a seguir durante a etapa de transición.

PROPOSTA DA VI ASAMBLEA DE NEG.





LIBRO

Para enseñar no basta con saber la asignatura

Fernando HERNANDEZ e Juana M. SANCHO
Laia / Cuadernos de Pedagogía, 1989

Con este tido suxente, os autores plantean un vello problema na formación do profesorado, especialmente de secundaria. Se a formación pedagógica do profesor de primaria é escasa e devaluado, no caso da secundaria o problema transcende calquera reforma, posto que os mitos neste nivel multiplicanse: o primeiro, radica na concepción do ensino como información, selección e control. "Hai todo un conxunto de relacións que van mais aló da transmisión, do ensino dunha asignatura, que condicionan a sua eficacia e explican a dificultade de asumila por parte dos alumnos; outro mito é disociar o traballo escolar da realidade social, económica e cultural lindante, dando un valor obxectivo e universal ós contidos; e para rematar, outro mito, ainda que fundado consiste en pensar que toda a formación pedagógica, psicológica e socioloxica que pode adquirirse redúcese aos cursos de aptitude pedagógica que impartían os Institutos de Ciencias da Educación.

Os autores, como ensinantes adicados a tarefas de formación permanente dos seus compañeiros, dan outra imaxe desa formación psicopedagógica: Cuírculum campo de estudio, investigación e práctica, relación entre ensino e aprendizaxe, formas de organizar o coñecimento escolar, o adolescente, a figura do profesor, avaliación.

X.M.C.

PARA ENSEÑAR NO BASTA CON SABER LA ASIGNATURA

Fernando Hernández
Juana María Sancho



LAIA

TIRA

Teoría-práctica

Vendo a densidade teórica do número de hoxe, a tira ten que ser necesariamente breve. Tamén o libro que recensionamos constitúe unha verdadeira tira. Cabe, noustante, unha reflexión encol das relacións entre estas pinceladas de teoría e as actividades cotiás dos ensinantes e educadores en xeral. Tema éste que sempre é de actualidade, mais neste intre doblemente interesante como ponte entre o traballo dun ano académico e as actividades de actualización previstas para o vran. Este suplemento, os cursos, as xornadas, as Escolas de Vran deben facilitar recursos e técnicas para poder mellorala

práctica no novo curso.

Pero é preocupante que só se espere eso. Na enquisa que facíamos para avaliar un ano de suplemento, amósase unha tendencia a ler só as páxinas nesa mesma liña. Pola contra, non recibimos colaboracións para publicar recursos e experiencias con maior extensión. Unha práctica que non suscite unha reflexión e unhas resultados intercambiabeis é unha práctica moi pobre. Vexamos o exemplo de hoxe. ¿Qué valoración merece a práctica de galeguización en toda esta década, sen preguntarse algunha vez polo conflicto da normativa e sen pensar que ainda non se ten feito un modelo político nen pedagógico?

Por esta razón, chamamos a atención dos lectores para os artigos que preceden.

X. M. CID

GARABULLINO



NOVAS

-Mañá, xoves, ás 12 da mañá, na Escola Universitaria de Maxisterio terá lugar unha conferencia encol de "A contribución das organizacións, políticas á normalización lingüística en Galicia" a cargo do profesor Francisco Fernández Rey.

-Via Láctea e Nova Escola Galega veñen de publicar un novo libro de pedagogía. Trátase de "Técnicas e xogos cooperativos para tódalas edades", do que é autor Xesús R. Jares. En Ourense vai facerse unha presentación pública no Ateneo, o venres día 26 ás 8 da tarde, coa participación do autor, un representante da editorial, o presidente de Nova Escola Galega, Manuel Bragado Rodríguez, e a profesora de Didáctica do Colexio Universitario, Mercedes Suárez Pazos.

-Antes do día 24 deste mes, pode formalizarse a inscripción para participar nas Xornadas de estudo sobre o deporte en idade escolar, a celebrar na Delegación provincial de Cultura e Deportes os vindeiros días 9, 10, 16 e 17 de xuño. Os participantes presentarán elaboradas as súas propostas sobre os seguintes temas: Transporte (alternativas), deporte escolar en horario lectivo, comarcalización-instalacións, Outros deportes, persoal técnico: Arbitros, xuices, etc.

-Tres cursos de Vran da Universidade de Santiago terán lugar este ano en Ourense no mes de xullo. Un deles centrado na Análise e prospectiva da realidade socioeducativa galega. Está previsto que participen, entre outros, Paolo Orefice, da Universidade de Pescara (Italia); Miguel Zabalza da Universidade de Santiago; Julio Carabaña da Universidade Complutense de Madrid; Manuel González Lorenzo, do Colexio Universitario de Ourense; e diversos participantes en mesas redondas en representación dos diversos niveis educativos, do mundo laboral, do Instituto de Ciencias da Educación, dos Movimentos de Renovación educativa, da Administración, etc. Terá lugar entre o 10 e o 14 de xullo no Colexio Universitario de Ourense (Novas instalacións).



A dixitalización destes documentos foi posible grazas á axuda concedida a Nova escola Galega da Secretaría Xeral de Modernización e Innovación Tecnolóxica (Consellería de Industria - Xunta de Galicia), do Ministerio de Industria, Turismo e Comercio, así como do Plan Avanza e do Fondo Europeo de Desenvolvemento Rexional (FEDER), ao abeiro da *Orde do 31 de decembro de 2008 pola que se establecen as bases reguladoras para a concesión, en réxime de concorrencia competitiva, das subvencións destinadas a entidades de dereito público e privado, sen ánimo de lucro, para impulsar a realización de actuacións de difusión e formación relacionadas específicamente co desenvolvemento e implantación da sociedade da información na Comunidade Autónoma de Galicia, no marco do Plan Estratégico Galego da Sociedade da Información e o Plan Avanza, e se procede á súa convocatoria para 2009 (código procedemento IN521C)*

As publicacións están dispoñibles baixo unha licenza Reconecemento-Non comercial-Compartir baixo a mesma licenza 3.0 España de Creative Commons que reza:

Vostede é libre de:

- Copiar, distribuír, exhibir e executar a obra.
- Facer obras derivadas.

Baixo as seguintes condicións:

-Vostede debe atribuír a obra na forma especificada polo autor ou o licenciante. Isto quere dicir que tanto os textos como as imaxes da Web poden ser utilizados por calquera, sempre que se cite a súa orixe, sempre que non se obteña un beneficio económico directo ou indirecto dese uso, e sempre que se inclúa no produto resultante a mesma licenza CC-NEG.



XUNTA DE GALICIA

PRESIDENCIA
Secretaría Xeral de Modernización
e Innovación Tecnolóxica



GOBIERNO
DE ESPAÑA
MINISTERIO
DE INDUSTRIA, TURISMO
Y COMERCIO



UNIÓN EUROPEA

Fondo Europeo de
Desenvolvemento Rexional

plan
avanza,,